UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB
Faculdade de Educação

PAMELLA EVELYN CASTANHEIRO DE SOUZA

EDUCAÇÃO, TRABALHO E GÊNERO: UM ESTUDO PELAS VOZES DAS ALUNAS EXTENSIONISTAS DO PROJETO MENINAS VELOZES

BRASÍLIA-DF
2022

PAMELLA EVELYN CASTANHEIRO DE SOUZA

EDUCAÇÃO, TRABALHO E GÊNERO: UM ESTUDO PELAS VOZES DAS ALUNAS EXTENSIONISTAS DO PROJETO MENINAS VELOZES

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado(a) em Pedagogia, à banca examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação do(a) Professor(a) Dr(a):Caetana Juracy Rezende Silva

BRASÍLIA – DF
2022

EDUCAÇÃO, TRABALHO E GÊNERO: UM ESTUDO PELAS VOZES DAS ALUNAS EXTENSIONISTAS DO PROJETO MENINAS VELOZES

PAMELLA EVELYN CASTANHEIRO DE SOUZA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Pedagogia, à banca examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação do(a) Professor(a) Dr(a):Caetana Juracy Rezende Silva

_____

Prof(a). Dr(a): Caetana Juracy Rezende Silva
Orientador(a)

_____

Prof(a). Dr(a): Simone Aparecida Lisniowski
Membro da Banca Examinadora

_____

Prof(a). Dr(a): Fernando Bomfim Mariana
Membro da Banca Examinadora

Dedico este trabalho a todas mulheres,
dignas de um mundo democrático onde a
realidade não seja ocultada e distorcida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora Profa. Caetana Juracy Rezende Silva que muito me ensinou nesse processo de elaboração, e que sempre me acolheu desde o primeiro contato até o momento com muita empatia e conhecimento.

Agradeço às alunas extensionistas do curso de Engenharia que se voluntariaram para participar da minha pesquisa e foram essenciais para a construção do trabalho.

Agradeço à Professora Dra. Simone Aparecida Lisniowski, coordenadora do projeto Meninas Velozes, que possibilitou o caminho para criação do trabalho, além de sugestões e ensinamentos que foram valiosos.

Agradeço ao Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, que me trouxe grandes descobertas acerca das questões de gênero e trabalho, como a pesquisadora Valeska Zanello, cujos trabalhos foram fonte de inspiração na minha trajetória.

Agradeço ao meu namorado que esteve sempre ao meu lado me apoiando na construção deste trabalho.

Agradeço a todos os professores que estiveram de braços abertos para me auxiliar, como o professor Fernando Bonfim que foi fundamental nesse processo.

Agradeço aos meus familiares e amigos que me incentivaram e me deram apoio.

Este trabalho foi desenvolvido em um período de fragilidade, por ser elaborado em contexto pandêmico pela COVID19, com diversas medidas, como o formato de ensino remoto, sendo um ponto marcante no meu processo de escrita e pesquisa. Tenho muita gratidão por concluir este trabalho, por todo apoio que tive considerando esses aspectos que foram em muitos momentos desafiadores e difíceis.

“Quando a educação não é libertadora, o
sonho do oprimido é ser o opressor.”
Paulo Freire

RESUMO

Este estudo aborda as representações sociais presentes no mundo do trabalho relacionando-as aos papéis de gênero e as consequências na vida das mulheres. O problema de pesquisa teve como finalidade investigar as principais imagens inerentes ao processo identitário das mulheres e como estas afetam suas escolhas profissionais. Nesse sentido, o estudo foi desenvolvido com base na teoria das representações sociais de Moscovici (2009), e em autoras que discutem os estereótipos de gênero e suas tecnologias na sociedade. Além disso, o presente estudo tem um enfoque na área da perspectiva crítica, procurando debater os aspectos educativos que podem ser transformados com base em uma prática educativa emancipatória, ao considerar ideologias presentes nos discursos que apoiam os papéis de gênero e afetam o mundo do trabalho. Foi realizada entrevista semiestruturada com três alunas extensionistas do projeto Meninas Velozes, projeto este desenvolvido para incentivar meninas de escolas públicas a realizarem escolhas profissionais nas áreas de engenharia e exatas, já que estas áreas têm pouca representatividade de mulheres. Os dados coletados na entrevista proporcionaram a análise sobre os principais discursos que envolvem as escolhas profissionais das alunas extensionistas e principalmente sobre os principais impactos e dificuldades na trajetória do seu curso como mulheres presente em uma realidade misógina.

Palavras-chaves: Papéis de gênero; Representações sociais; Educação e Trabalho.

ABSTRACT

This study presents social representations in the world of work relating them to gender roles and as consequences in women's lives. The problem aims to investigate how the main images inherent to women and how these were identified in the research process chosen by the professionals. In this sense, the study was developed based on the theory of social representations by Moscovici (2009), and on the authors who discuss gender stereotypes and their technologies in society. In addition, the present has a focus on the area of critical, scholarly education, debating aspects that can be considered based on ideologies presented in traditional studies that support the world of work. Soon after, an interview was carried out with three undergraduates from projects in areas and semi-structured structures of the Girls project that were developed to encourage girls from public schools to make professional choices in exact engineering, since these engineering have little representation. the main challenges in the trajectory of the study studied as main studies on women challenges and the trajectory in the formation of the course as the main challenges and the trajectory in progress as a logical reality.

Keywords: Gender roles; Social Representations; Education and work.

MEMORIAL

Minha trajetória escolar ocorreu em escolas públicas, sendo a Escola Classe 210 de Santa Maria a minha primeira escola. Nesse espaço tive muitas experiências que me marcaram e ainda são lembradas por terem acrescentado no meu desenvolvimento educacional.

Na minha infância, fui uma menina introspectiva nas relações com os outros colegas de classe, tive muitas dificuldades em me expor, seja tomando a iniciativa de falar ou para conversar com todos na aula. Apesar disso, lembro que o momento das brincadeiras eram os melhores momentos na escola, e uma das brincadeiras que mais gostava era de ser professora com meus colegas que tinha mais intimidade e convivência, eu adorava a etapa das atividades, mesmo não entendendo do que se tratava, esse momento lúdico era inspirado nas minhas professoras.

Após completar meus anos iniciais na educação infantil, fui matriculada na Escola Classe 206 de Santa Maria. Nessa escola cursei a primeira série do ensino fundamental 1. Neste ano, enfrentei algumas dificuldades, fui uma aluna que não me sentia incluída, hoje compreendo que isso era um reflexo de aspectos que vivenciava na minha família. Nessa época, meus pais haviam se mudado para uma quadra que era distante da escola em que fui matriculada, e não conseguiram uma vaga em outra escola perto da nova residência por ter passado mais da metade do ano letivo.

A alternativa foi passar esse período que faltava para completar o ano, cerca de 4 meses, na casa da minha avó que morava próximo à escola. Nesse período, percebi que minha dificuldade em querer fazer parte daquela escola passava pelo meu processo de adaptação de ficar na casa da minha avó, mesmo que temporariamente.

É uma etapa nova de nossas vidas que trocamos uma boa parte do tempo que passávamos em casa para estar em outro ambiente totalmente novo. Esse processo requer tempo para adaptação, é por isso que a escola deve ser um espaço de acolhimento, em que as pessoas se sintam aceitas, para que seja um lugar de boas lembranças.

Na minha experiência, com todo contexto familiar que eu enfrentava, não consegui me adaptar, e em muitos momentos não quis comparecer às aulas. Eu evitava a escola, e consequentemente não conseguia criar laços de amizade com os

colegas de classe. A professora não teve sensibilidade para agir nessas situações, acredito que o sentimento de ser alguém não incluso marcou em muitos aspectos esse ano escolar.

A escola é uma fonte riquíssima de diversidade em que podemos mergulhar em inúmeras possibilidades que vão acrescentar amplitude em nossa jornada. Por isso, é essencial que esse espaço seja coletivo e solidário, para proporcionar ao aluno o pertencimento e como consequência sua participação ativa no ambiente educativo.

No início da segunda série, meus pais conseguiram me matricular em uma escola próxima da minha casa. A Escola Classe 403 de Santa Maria foi onde realizei da segunda série até a quarta série do ensino fundamental I. Nesse período, fiz muitas amizades e tive inúmeros aprendizados.

Até o presente momento, tenho um grande carinho pela minha trajetória nessa escola. Um dos pontos marcantes do meu ensino foi minha participação em atividades extraclasse oferecidas pela escola, como o coral, com aulas de canto e apresentações para o público escolar e também para a comunidade.

Participar desse projeto não foi algo motivado pela habilidade de canto, já que até hoje considero que não faço isso muito bem. Acredito que minha participação foi considerando o aspecto integrador e formativo que a educação pode oferecer para além da sala de aula.

Com a chegada do ensino fundamental II, algumas mudanças ocorreram, e com isso eu mantive muitas expectativas de como seria. As aulas passaram a abordar conhecimentos cada vez mais específicos, mas esse processo acompanhou meu ritmo de desenvolvimento. Apesar disso, em alguns momentos passei por dificuldades de socialização, pedindo para os meus pais que me trocassem de escola.

Nesse período, eu não me dava muito bem com as colegas de classe e me sentia em muitos momentos sozinha, outras dificuldades surgiram quando tive aula com um professor do qual eu adquiri muito medo por sua postura autoritária dentro da sala de aula, essa experiência foi tão marcante que me lembro bem deste evento até os dias de hoje.

Esse professor lecionava as aulas de artes, e costumava pedir silêncio de forma grosseira para os alunos, uma das atividades que ele realizava como forma avaliativa consistia em participar do teatro, ele também dava a opção de, caso não

se sentisse a vontade de participar da peça teatral, o aluno poderia realizar uma prova com a leitura de alguns livros.

Nesse momento, pela exposição e expressão corporal que existe como base no teatro, optei por realizar a prova, pois tive muito medo de ser reprovada na frente dos outros colegas da classe no momento da encenação. Além da pressão que estava presente durante as aulas dele, eram muitas críticas vindas de modo opressivo. Essas experiências me fizeram sempre no início dos anos letivos temer a presença de outro professor ou professora assim.

Meu ensino médio foi marcado por algumas mudanças de escola, a primeira ocorreu no meu 1° ano, quando havia ruídos pela cidade de que a escola era extremamente perigosa, por ser localizada em uma área menos movimentada em uma cidade periférica, havia um índice alto de problemas relacionados à criminalidade perto da escola, como assaltos repentinos.

Por essas circunstâncias, fui matriculada no Centro de Ensino Médio 01 do Gama, localizado próximo a comércios movimentados. Essas dificuldades fizeram parte da minha vivência enquanto pertencente a um perfil socioeconômico de classe baixa. São caminhos percorridos com déficits como a falta de acesso a mais segurança.

A segunda mudança de escola ocorreu com a troca de residência dos meus pais para outra cidade, sendo necessário ser matriculada no Centro Educacional Gisno, onde realizei o 3° ano do ensino médio. Esse ano foi intenso por ser o último ano escolar, e por ter como foco o estudo para vestibulares, como um momento decisivo rodeado de tensões e expectativas.

Com o período de escolha dos cursos no vestibular, minhas opções eram entre pedagogia, filosofia e psicologia. Tive que escolher de acordo com minha posição no vestibular, e no final das contas decidi pelo curso de pedagogia por apresentar um leque maior de possibilidades profissionais e por influência de familiares que disseram ser uma boa escolha.

Durante minha graduação, tive contato com inúmeros autores que me auxiliaram na construção da minha jornada como educadora. Nesse processo, a leitura de Paulo Freire teve grande relevância quando percebo a importância da educação que tenha como princípio a autonomia e a liberdade, pois, durante minha trajetória escolar muitas vezes vivenciei episódios na sala de aula que não foram favoráveis ao alcance desse objetivo.

A interdisciplinaridade como eixo que se destaca na formação da UnB, me proporcionou a possibilidade de experienciar aulas ofertadas por outros departamentos, como uma, em especial, que teve grande destaque com o estudo e aprofundamento sobre os papéis de gênero.

Outro ponto importante da minha formação foi a participação em estágios em que houve um grande aproveitamento desse espaço para aprendizagem prática em especial a perspectiva crítica da educação, enquanto fonte emancipatória, contra vertentes hegemônicas do ensino.

A prática pedagógica teve o foco voltado no protagonismo infantil, na realização das atividades e desenvolvimento escolar dos estudantes. Essa etapa prática, foi realizada com a supervisão de uma professora que admirei muito sendo uma grande inspiração como pedagoga.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Processo de fundamentação teórica…….…….……18
Figura 2 - Mapa mental das representações sociais sobre gênero…..……33
Figura 3 - Etapas da elaboração de pesquisa ……..……40

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Caracterização das participantes: idade/escola de origem/ curso de graduação...…….……..…..……..…….……..……43

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO……..15

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.……...18

2.1. MUNDO DO TRABALHO, GÊNERO E INTERSECCIONALIDADES……...21

2.2. UM OLHAR SOBRE OS PAPÉIS DE GÊNERO NA EDUCAÇÃO……33

3. ESTUDO DE CAMPO: ABORDAGEM METODOLÓGICA……..38

4. O PROJETO MENINAS VELOZES.……..…41

4.1. AS VOZES DAS MENINAS VELOZES…….43

4.2. ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS COLETADOS……44

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS……..55

REFERÊNCIAS……..……...……..……...60

ANEXO I - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO…….65

ANEXO II - ROTEIRO DAS ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS……..……77

1. Introdução

Os papéis de gênero presentes na sociedade, direcionam o sujeito ao que é ser homem ou mulher dentro de uma perspectiva binária. Nesse processo, houve a divisão social do trabalho baseado em um discurso que justificava a estrutura de poder com a diferenciação entre os sexos. Assim, desde o nascimento somos subjetivados por inúmeros fatores de adequação que envolvem a maneira de ser e estar no mundo de acordo com o gênero (ZANELLO, 2018, p.32).

As representações sociais afetam o processo identitário do sujeito, incluindo consequências nas dimensões que atingem o bem-estar e sua saúde mental. Um exemplo disso, é a construção da masculinidade cultural, em que o sujeito passa por testes para ser reconhecido como homem, exigindo a negação de características tidas como femininas socialmente, ou seja, o ‘’ser homem’’ significa não corresponder às imagens de cuidado e fragilidade (ZANELLO, 2018, p.223).

É por motivos como este que essas características comumente associadas às mulheres são alvos de preconceitos pelos homens, resultando em uma estrutura misógina enquanto constituidora da ideia de gênero. Para pensar as consequências dentro do trabalho, é preciso considerar que a cisão que corresponde aos papéis de gênero delimitou os campos de atuação de milhares de mulheres até os dias de hoje.

Algumas dessas características associadas às mulheres, são também alvo de domínio quando são superestimadas, como a docilidade. Essa demanda de ser sempre uma mulher com tais características moldam o conceito do que é ideal e socialmente aceito. Nesse momento é instituída a norma de comportamento sobre seus corpos, e como resultado disso inúmeras mulheres vivem em condições de exploração e domínio, principalmente as profissionais quando observamos maior número de mulheres em funções que envolvem aspectos maternais.

A mulher socialmente aceita é aquela cujo os esforços e anseios estejam voltados principalmente para a maternidade, processo em que mulheres acabam tendo que ‘’precisar serem precisadas’’ em relação ao cuidado do outro (ZANELLO, 2018, p.167). Essa relação cultural entre o papel materno e o gênero feminino surge com finalidades capitalistas em prol da manutenção da família. É um discurso econômico muito antigo justificado pelos dados demográficos de uma época que

apresentava um grande número de mortalidade infantil. Assim, as perdas infantis interessaram o Estado por esperar mão de obra e enriquecimento.

> Inconscientemente, algumas delas perceberam que ao produzir esse trabalho familiar necessário à sociedade, adquiriam uma importância considerável, que a maioria delas jamais tivera. Acreditaram nas promessas e julgaram conquistar o direito ao respeito dos homens, o reconhecimento de sua utilidade e de sua especificidade. Finalmente, uma tarefa necessária e "nobre", que o homem não podia, ou não queria, realizar. Dever que, ademais, devia ser a fonte da felicidade humana. (BADINTER, 1980, p.146)

Para isso, as mães precisam dedicar-se a essa tarefa, é nesse momento que surge a disseminação de um discurso que coloca as mulheres como protagonistas e importantes ao assumirem tarefas maternas, tendo como resultado a felicidade e o respeito na sociedade.

Nos dias atuais, apesar da inserção da mulher no campo de trabalho, isso são pequenos passos quando comparado ao que foi amplamente colonizado no imaginário cultural e que está enraizado, afetando a divisão social do trabalho com os impasses da desigualdade social e da discriminação de gênero.

O aspecto sexista existente na cultura até os dias de hoje coloca a mulher ao longo da história, por processos de sujeição ao domínio masculino, em posição de depender dos homens quando observamos as relações pautadas na centralidade masculina, afetando o trabalho.

Com isso, é possível perceber que homens estão em maior número ocupando as carreiras consideradas analíticas e racionais e, em consequência disso, são mais bem remunerados. As funções que envolvem cuidado e introspecção são relacionadas às mulheres, sendo desvalorizadas, processo que se inicia com a divisão capitalista entre produção e reprodução.

Outro ponto importante, são jovens que apesar de seus anseios profissionais, se deparam com uma realidade distante daquilo que planejam, baseada na falta de acesso por questões de gênero e também por fatores que envolvem o racismo e condições socioeconômicas. Logo então, as escolhas por determinados cursos de graduação acabam sendo de acesso apenas a uma parte da população que já detém um perfil econômico elevado e é, na maior parte, constituída por homens.

Nesse sentido, ao observar as escolhas profissionais, percebemos que pouco condiz com os anseios pessoais da maioria dos jovens, tendo como consequência a marginalização do acesso a preparações adequadas que permitam a possibilidade de concorrer a esses cursos, também é visível o crescente número de jovens com uma formação voltada ao viés tecnicista, que considera apenas como fundamental o conceito de eficácia e mão de obra na formação, e quando levamos esse contexto para a realidade das mulheres, observamos que as opções de trabalho recaem nos dispositivos de gênero.

Podemos observar também como as mulheres que ocupam essas áreas de trabalho, cujo interesse maior parte dos homens, sofrem com os impasses e preconceitos por simplesmente não corresponderem às imagens pautadas pelos papéis de gênero. A acessibilidade em trabalhos com maior grau de liderança ou nas áreas nas ciências exatas, é algo que as descaracteriza enquanto mulheres.

Além disso, o Estado não compreende a dimensão histórica do trabalho feminino por interesses próprios que mantém a estrutura intacta, pois é vantajoso manter as relações patriarcais ao diminuir drasticamente o investimento em políticas públicas nesse sentido.

Nesse contexto, a educação carrega consigo a possibilidade de transformar esses paradigmas através da mudança da estrutura social hegemônica baseada no opressor e no oprimido. Por isso, é preciso ter a convicção de que mudar é possível pelo espaço dado a quem por muito tempo foi silenciado e apagado das pautas sociais, ao considerar apenas uma única forma de compreensão sobre o mundo vinda das camadas que dominam os meios comunicação e a cultura da sociedade.

É pela criticidade que percebemos a realidade em sua ignorância, assumindo por séculos um histórico repleto de incoerências justificadas por questões de poder. No ambiente escolar, as práticas do educador devem assumir uma postura emancipatória com a finalidade de transformar essa estrutura social excludente.

Assim, ao analisar o contexto das áreas profissionais, este trabalho de conclusão de curso investigará quais são as representações que estão presentes na vida das meninas que optaram por escolhas profissionais que fogem desses estereótipos e as consequências disso em seu convívio social. Além disso, discutir quais os principais elementos que determinam suas decisões.

O projeto Meninas Velozes: Ensino Médio CEMEB tem como coordenadora a professora Dra. Simone Aparecida Lisniowski, da Faculdade de Educação da

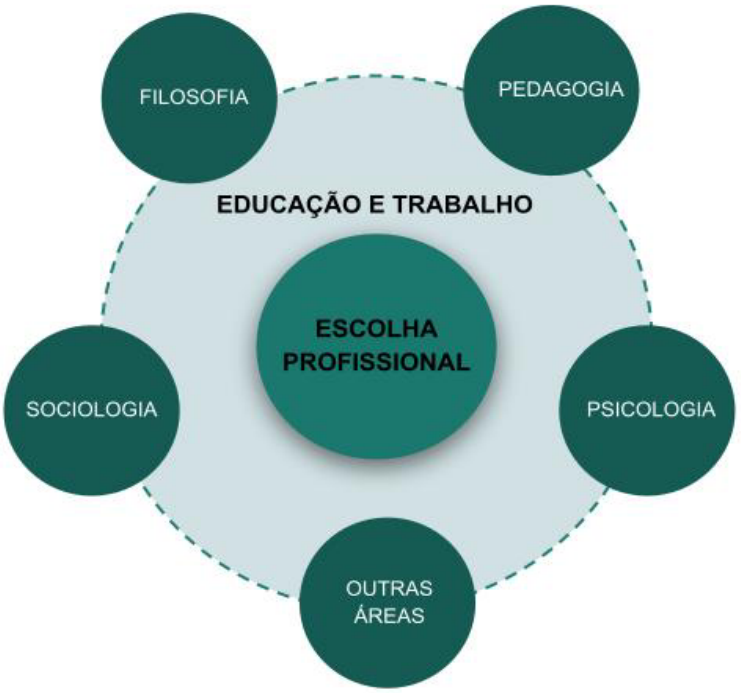
Universidade de Brasília. Esse projeto de extensão universitária tem como foco acrescentar por meio de questionamentos novas possibilidades de escolha de atuação profissional para as estudantes.

2. Fundamentação Teórica

A fundamentação teórica deste trabalho é interdisciplinar, baseada em autores que contemplam as disciplinas de pedagogia, psicologia, filosofia, e outras áreas. As áreas de estudo passam pela perspectiva de interdisciplinaridade, constituindo-se como o diálogo entre as ciências, capaz de permitir uma visão ampla sobre uma temática.

Através desse intercâmbio entre as disciplinas é possível transformar e agregar a um pensamento outras perspectivas que antes eram unitárias e limitadas somente em um campo específico. O esquema a seguir ilustra a perspectiva de pesquisa interdisciplinar.

Figura 1 - Processo de fundamentação teórica



Fonte: Elaborado pela autora

Ao analisar inclinações das escolhas profissionais, percebemos que muitas são impactadas pelas relações interpessoais quando a vontade de corresponder às expectativas e imagens de sucesso profissional surgem de maneira personificada, já que a pessoa faz sua escolha profissional baseado em imagens adquiridas ao longo

de sua vida que são influenciadas por outras pessoas nesta profissão (BOCK, 2013, p.64).

Esse processo leva em consideração todos os mecanismos de comunicação que temos, como a mídia que reproduz cenas e comentários de inúmeras pessoas em profissões variadas e também o peso que as expectativas familiares podem ter sobre o sujeito, por isso, ao pensar em uma profissão recorremos necessariamente a imagem de alguém que a representou em algum contexto de nossas vidas (BOCK, 2013, p.65).

Para compreensão dessas imagens, é necessário considerar as representações sociais como produto de um discurso ideológico. Nesse sentido, essas representações são compartilhadas no cotidiano pelo contexto histórico-social do indivíduo e direcionam a ação na medida em que são vinculadas ao objeto e utilizadas para o entendimento do mesmo, como também para as relações interpessoais.

Assim, a fundamentação teórica deste trabalho tem como eixo a teoria das representações sociais que compreende as imagens que são geradas através da interação social como fundamentais para transmissão de valores e princípios inerentes à cultura.

Em outra via, as autoras Zanello (2018), Federici (2004) e Badinter (1980) têm grande relevância para construção teórica como também para o viés prático de pesquisa em campo, em relação às representações e estudo das tecnologias de gênero e a relação sobre a divisão social do trabalho. Serão analisadas as representações sociais que são parte da constituição sociocultural das mulheres na sociedade.

A mulher passa ao longo da história por diversos fatores de discriminação e exploração, principalmente com o estabelecimento do capitalismo. E nesse aspecto, as ideologias advindas do poder hegemônico fortalecidas pela estrutura capitalista são a base da reprodução dessas imagens.

Assim, a partir da fundamentação teórica é possível compreender as variadas dinâmicas que compõem as imagens construídas na cultura e que afetam até os dias de hoje as escolhas profissionais das mulheres e que operam para manutenção do sistema capitalista, limitando o acesso que o sujeito terá de acordo com suas condições baseadas em critérios misóginos, racistas e classistas. Isso mantém condições de vida extremamente marginalizadas.

Por isso, é fundamental entender como os processos educativos podem ter um papel decisivo nessas circunstâncias. Nesse caminho, destaca-se Paulo Freire, com a perspectiva crítica da ação pedagógica, que evidencia importância de uma postura que questiona as tendências hegemônicas produzidas ao longo da história, principalmente quando se trata da estrutura dos papéis de gênero.

A relevância do olhar crítico na educação deve considerar os aspectos históricos e culturais do sujeito, e não deve ser resumido à finalidade de apenas alcançar a eficácia, mas sim de olhar considerando a integridade e autonomia como elementos fundamentais para o aprendizado. Logo então, compreender as implicações que surgem com os estereótipos de gênero na forma como dividimos a sociedade faz parte de uma educação crítica.

Muitas vezes há a postura de reprodução quanto aos discursos hegemônicos na educação, que se desenvolvem através de ideologias, sendo esta favorável somente às classes dominantes e excludente em relação às minorias. Por isso, entende-se que a ideologia opera para manutenção política e econômica de uma classe, ocultando do sujeito toda força de sua manipulação que o faz acreditar que tudo ocorre de maneira certa e justa na sociedade (CHAUÍ, 1981, p.79).

Sendo assim, a educação atravessa diversos fatores culturais, e são esses fatores que devem ser analisados quando se trata do processo de desenvolvimento humano. Para uma educação ter como base a busca da autonomia, e com isso ter uma postura crítica frente às representações sociais pautadas em papéis de gênero, torna-se necessário reconhecer os mecanismos que atuam na reprodução dessas ideologias e a força que isso tem na educação dos indivíduos.

Nesse processo, a pedagogia crítica de Freire e os autores da filosofia como a Chauí, agregam na proposta de pesquisa a ser elaborada com uma fundamentação teórica interdisciplinar, proporcionando uma visão crítica sobre os papéis de gênero e sua relação com a educação como possibilidade de transformação.

Acerca da hegemonia, a qual a educação tem o papel de transformar, o privilégio racial sustentou-se na lógica de supremacia branca, sendo o homem branco beneficiário da exploração capitalista, e, consequentemente por esses interesses, a ideologia racista e sexista tornou a mulher negra vitima, pela violência opressiva que atravessa seu processo identitário, pelas questões de gênero e raça.

Esses fatores que marcam a trajetória de uma pessoa de acordo com suas características, remete ao conceito de interseccionalidade ao percebemos que as relações de gênero, raça e classe carregam consigo a mesma estrutura composta pelo opressor e o oprimido.

Esse modo de funcionamento da nossa sociedade é constituído desde sua base por sistemas desiguais, em que há variadas formas de discriminação que podem, inclusive, estarem presentes simultaneamente nas relações sociais, gerando preconceitos que vão alcançar profundos desdobramentos dentro de uma matriz de dominação, que pode ser entendida como:

> Matriz de dominação: organização geral das relações hierárquicas de poder em dada sociedade. Qualquer matriz específica de dominação tem: (1) um arranjo particular de sistemas interseccionais de opressão, por exemplo, raça, classe social, gênero, sexualidade, situação migratória, etnia e idade; e 2) uma organização particular de seus domínios de poder, por exemplo, estrutural, disciplinador, hegemônico e interpessoal. (COLLINS, 2019, p.460)

Nesse sentido, o estudo da interseccionalidade busca compreender as dinâmicas que ocorrem entre as interações de vários eixos de opressão, e suas consequências na vida das pessoas ao considerar as posições que são criadas na sociedade advindas desse tipo de pensamento.

2.1. Mundo do Trabalho, Gênero e Interseccionalidades

As representações sociais fazem parte do imaginário cultural presente no nosso cotidiano. Por esse motivo, olhar para as implicações que isso tem em nossas escolhas é um passo importante quando falamos sobre mudanças de paradigmas sociais. De maneira geral, cada um de nós está lidando com as influências das imagens no dia a dia, pelo fato da força identitária que isso tem na constituição humana.

Um ponto importante é entender o conceito de cultura que se desenvolve como forma dialética entre o meio social e o ser humano, ou seja, a cultura é formada enquanto haja interação mútua entre os dois. Nessa perspectiva, o ser humano se caracteriza como agente ativo da cultura quando observamos seu papel

de intervir e criar no mundo, mas, ele também é caracterizado como produto por estar submetido a determinadas representações. Assim, compreender como as imagens atravessam o imaginário das meninas participantes do projeto Meninas Velozes requer investigar as dinâmicas culturais considerando o seu contexto.

No final do século XVIII, a cultura foi demarcada pela diferenciação entre os sexos, motivada por evidências anatômicas e fisiológicas. Porém, com o contexto histórico da época, a diferença entre homens e mulheres passou a ser de caráter político e religioso, justificado por uma estrutura de poder baseada no patriarcado, marcando toda a trajetória identitária e formativa enquanto sujeitos.

Houve nesse contexto patriarcal a divisão social de trabalho, em que as mulheres devido à capacidade de procriação foram colocadas como maternais quanto à produção de seu trabalho. Segundo Federici (2004, p.132), com o marco capitalista a noção de trabalho valorizado era somente atribuída aos homens, que tinham funções assalariadas, enquanto que todo trabalho doméstico e de cuidado era sem valor algum, sendo até mesmo desconsiderado como uma forma de trabalho na época.

> “O que é mais importante, a separação entre produção e reprodução criou uma classe de mulheres proletárias que estavam despossuídas como os homens, mas, diferentemente de seus análogos masculinos, quase não tinham acesso aos salários, numa sociedade que estava cada vez mais monetizada, sendo forçadas à condição de pobreza crônica, à dependência econômica e à invisibilidade como trabalhadoras. (FEDERICI, 2004, p.134)

Hirata (2002, p.336) compreende que a separação sexual no trabalho trouxe grandes desafios para a mulher presente em um contexto misógino, já que o trabalho é considerado multidimensional, ou seja, não pode ser apenas tido como forma de trabalho o de âmbito profissional, mas também deve se considerar o doméstico com o mesmo valor.

O discurso materno como algo instintivo na vida de uma mulher, é uma ideia recente criada pelo capitalismo e cultuada na sociedade. Antes desse cenário, a situação diferia, com a maioria das mulheres francesas tendo o hábito de entregar seus filhos para as amas de leite. Outro dado importante era o alto índice de

mortalidade infantil da época, ocasionado por inúmeros fatores, incluindo a negligência dos pais.

Isso ocorria pela força da teologia cristã de Santo Agostinho em que a infância, pela influência e força da religião, era vista como uma fase insignificante, já que o nascimento de uma criança representava o surgimento da corrupção humana (BADINTER, 1980, p.65).

Os interesses do Estado nesse contexto passaram a voltar-se para o aumento da taxa de natalidade, com intuito de alcançar mão de obra para avanços econômicos. A criança passou de esquecida e começou a adquirir um grande valor mercantil.

> É mais importante para nós a ideia que tinham os contemporâneos acerca da demografia do que a realidade dos fatos. Mesmo injustificados, os gritos de alarme de Montesquiel, Voltaire, Rousseau e dos fisiocratas tiveram consequências. Pois à força de ouvir de vozes tão autorizadas que a França se despovoava, todos os que tinham alguma responsabilidade admitiram a ideia como fato indiscutível e, portanto, como um problema a resolver. (BADINTER, 1980, p.150)

Com a publicação de Émile, em 1762, por Rousseau, foi retratado o ideal da instituição familiar burguesa como marco constituinte da sociedade, por interesses políticos e econômicos. Como alicerce principal está a mulher, disposta a voltar-se inteiramente a essa função.

Nesse contexto, o aumento da taxa de natalidade dentro do conceito de família burguesa, que foi amplamente difundido como algo indispensável para as mulheres serem reconhecidas como dignas na sociedade, ao lidar com esses paradigmas, observamos a exploração do trabalho feminino vindo com o discurso que relaciona o corpo feminino capaz de procriar com a função social de maternagem, afetando a forma como o trabalho vindo das mulheres era visto na sociedade.

Por muito tempo a reprodução passou a ser uma atividade explorada pelo capitalismo na vida das mulheres, a perseguição pela liberdade da sexualidade feminina tendo como marco a queima das bruxas, e a centralidade do matrimônio heterossexual foram formas de sustentar a lógica familiar burguesa.

Uma das finalidades que a ideologia pode assumir é o de distorcer através de discursos as causas e efeitos das coisas, como o caso do reforço positivo da importância da maternidade e do cuidado como forma de manter as mulheres motivadas nesse papel, sendo uma estratégia de exploração do seu trabalho, não valorizado.

> “Boas reprodutoras, sem curiosidade nem ambições, era o que lhes convinha. Uma vez que a razão corre o risco de ser corrompida pelos preconceitos, mais vale que a das mulheres continue adormecida! “(BADINTER, 1980, p.187)

Por longas décadas, a exploração do trabalho doméstico das mulheres não era motivo de pauta na sociedade, por serem desconsideradas como uma forma de trabalho digna, cabendo a desvalorização e misoginia. As representações sociais que atravessam esses fatores colocam a mulher em uma posição de silenciamento, com a naturalização de uma ideologia que parte da classe dominante, sendo esses privilégios atribuídos aos homens.

Outro aspecto importante, é o de que encontramos cada vez mais atribuições com políticas de exploração do cuidado vindo das mulheres, alimentando esse estereótipo em que o Estado tem o lucro da colonização de seus corpos e desejos pelo intermédio dos papéis de gênero, como, por exemplo, o caso da educação moral e religiosa dos filhos serem somente de responsabilidade da mulher. Esse pensamento gera culpa e adoecimento psíquico pelo excesso de preocupação que podem agravar para quadros de ansiedade.

A culpa, sentimento muito comum nas mães, é caracterizada pela não correspondência da representação do ideal materno, com responsabilidades que muitas vezes são inalcançáveis, como os aspectos comportamentais da criança serem relacionados ao exercício da função materna, cabendo ser julgada como bem feita ou não, responsabilizando a mãe por todas as características psicossociais da criança, incluindo seus comportamentos ao longo de sua vida.

Todos esses fatores são decisivos para a jornada diária da mulher, cujo os interesses devem estar na manutenção do lar e da família e principalmente na dedicação incessante que vem da angústia de não contemplar as representações sociais, como é o caso da imagem da Santa Maria, presente com muita força no ocidente pelo catolicismo.

Com esses impasses, o cotidiano da vida de uma mulher começa a ser demandado em prol do outro. A mulher nunca será aquela cujo os interesses podem estar em constituir uma grande carreira para si, mas sim em ocupar posições que remetem ao passado de negação em função do cuidado e disposição ao outro, sejam eles os filhos, homens, e o Estado.

É notório como as mulheres que decidem por suas carreiras antes de terem filhos são taxadas como egoístas na sociedade. Elas são imediatamente julgadas como menos femininas ou incompletas.

Além disso, a apropriação masculina do corpo feminino é algo ainda muito presente na sociedade, que reflete a violência sofrida pelo domínio e poder dos homens sobre suas próprias ações e escolhas, os desdobramentos disso são percebidos com a dura perseguição enfrentada pelas mulheres sobre sua sexualidade, em que houve a fragmentação do feminino a partir de uma ótica de uma mulher assexuada definida por uma imagem materna que não contempla a realidade.

> “No entanto, a principal iniciativa do Estado com o fim de restaurar a proporção populacional desejada, foi lançar uma verdadeira guerra contra as mulheres, claramente orientada a quebrar o controle que elas haviam exercido sobre seus corpos e sua reprodução. Como veremos mais adiante, essa guerra foi travada principalmente por meio da caça às bruxas, que literalmente demonizou qualquer forma de controle de natalidade e de sexualidade não procriativa, ao mesmo tempo em que acusava as mulheres de sacrificar crianças para o demônio.” (FEDERICI, 2004, p.156)

No campo profissional, as mulheres tiveram ao longo da história poucas possibilidades de trabalho, muitas vezes eram funções extremamente controladas por homens, que dominavam suas ações com a intenção de vigiar e punir.

A história do trabalho feminino no Brasil tem como marco a inserção das mulheres como professoras nas escolas, onde suas práticas eram dominadas por homens, os quais detinham as normas, esse contexto aponta para o lugar de reconhecimento do trabalho feminino associado aos aspectos de cuidado, quando observamos dados que demonstram que o magistério brasileiro, em 2009, era composto por 80,5% de professoras, enquanto que 18,7% de professores.

Assim, quando tratamos das representações sobre a identidade das mulheres observamos que as desigualdades de gênero nas profissões se baseiam em aspectos culturais ligados às mulheres, principalmente pela maternagem associada.

Além disso, outro ponto importante é que muitas mulheres têm suas criações e conquistas profissionais associadas a algum homem, um exemplo disso, é que para serem validadas como suficientemente boas, milhares de autoras chegaram a publicar suas obras com nomes masculinos.

Sob a dominação masculina, com a constante avaliação e julgamento, a mulher tem suas escolhas profissionais invadidas. Há dados que comprovam as baixas porcentagens de mulheres em profissões consideradas masculinas por exigirem maior grau de liderança e assertividade, características que só podem ser vistas em homens na sociedade.

As áreas políticas sofrem com essa diferença de gênero, com a presença de mulheres que são mães e que ao concorrerem aos cargos políticos são desqualificadas como não comprometidas o suficiente para o trabalho. Essa é uma das atitudes opressoras que restringe outras funções que a mulher pode se interessar e ocupar além da maternidade.

Existe também, a ideia da mulher como um ser incompreensível, dramático, complexo, características que constroem uma imagem deturpada e afetam a presença de mulheres na esfera pública, pela desqualificação associada devido à misoginia. Assim, as mulheres são relacionadas às atividades do espaço privado, e isso é esperado socialmente com as cobranças da maternidade e do matrimônio heterossexual.

Podemos observar que a mídia é uma grande ferramenta para a reprodução desses estereótipos, isso está presente tanto com a naturalização da falta de mulheres nos noticiários políticos, como também com as representações das mídias que reforçam esse papel da exclusividade da esfera privada.

Outro ponto, é o dispositivo amoroso (ZANELLO, 2018, p.84), que se refere ao destino construído socialmente em que a mulher está estipulada a realizar-se como pessoa se estiver ao lado de um homem. Nesse processo os homens assumem a posição central de suas vidas, cabendo julgar e opinar sobre suas escolhas.

A metáfora da prateleira do Amor (ZANELLO, 2018, p.87) ilustra essa posição de julgamento que os homens têm sobre o corpo feminino. Com essas condições, as

mulheres acabam sendo avaliadas constantemente nas suas ações, é como se houvesse a perda de sua própria liberdade em função da apropriação masculina sobre seus corpos.

> Um ponto importante a se destacar é que, por mais que uma mulher esteja em um lugar privilegiado na prateleira, esse é um profundo engodo porque: 1) processos normais do desenvolvimento fazem com que a manutenção desse lugar seja sempre muito efêmera e provisória (por exemplo, o envelhecimento e o ganho de peso); 2) sempre haverá a possibilidade de surgimento de novos "produtos"/mulheres que se encaixam melhor nesse ideal; e que considero mais importante, 3) a prateleira do Amor erige um lugar para as mulheres cuja vivência de ter que ser escolhida é profundamente desempoderadora; ao mesmo tempo que 4) erige para os homens um lugar extremamente privilegiado e protegido de serem aqueles que avaliam e julgam/escolhem as mulheres, dando a elas seu "valor" (ZANELLO, 2018, p. 89)

Esse fenômeno é observado no ambiente de trabalho, quando inúmeras mulheres são avaliadas por sua aparência em função de um padrão de beleza opressor, vindo também do olhar racista. Há inúmeros relatos de atrizes famosas que são bombardeadas de cobranças estéticas e são hipersexualizadas de acordo com uma prateleira onde a régua que mede a beleza tem padrões eurocêntricos, e caso não cedam a essas exigências são demitidas.

Os conceitos de raça e gênero são inseparáveis, já que os papéis de gênero são construídos juntamente com a realidade racista. Dessa forma, uma mulher negra é vista e relacionada a papéis de gênero estereotipados e preconceituosos, como, por exemplo, o de disponibilidade sexual e o de doméstica/servente, essas definições acontecem no nosso cotidiano e estão demarcadas pelos preconceitos e normas em relação ao gênero e racismo (KILOMBA, 2019, p.93).

Além disso, a violência segue espectros hierárquicos, onde a mulher que mais se aproxima do padrão racista tem melhores condições de vida social. Um exemplo disso, é como milhares de mulheres negras perdem oportunidades de emprego pela discriminação racial, e pela dificuldade de acesso para continuidade de seus estudos, ou até mesmo, caso haja a formação, são desvalorizadas em relação às mulheres brancas.

Essas representações acerca da mulher delimitam suas escolhas profissionais, por estarem baseadas em marcadores de “gênero”, “raça” e “classe” que vão constituir contextos de desigualdade na divisão social do trabalho. Nesse processo, por mais que haja uma preferência e a busca da qualificação para uma determinada área profissional, observamos, em contrapartida, esses fatores sociais

que atravessam a forma como o outro vai enxergá-la na sociedade e afetar em suas oportunidades e escolhas.

Nesse sentido, não é possível destruir a opressão contra as mulheres sem falar da dimensão que o capitalismo tem como fonte da violência de gênero, e manutenção da estrutura patriarcal, racista e classista.

Com as oportunidades de emprego sendo cada vez mais difíceis de serem encontradas, e quando são, não correspondem com a expectativa das mulheres em relação a sua satisfação, por serem profissões escolhidas em primeiro plano pela sobrevivência financeira, quando retratamos a história de mulheres vindas das camadas pobres que sofrem com a desigualdade e seletividade do capitalismo.

> "Embora o trabalho assalariado das mulheres, os trabalhos domésticos e sexuais (remunerados) ainda sejam estudados com muita frequência isolados uns dos outros, agora nos encontramos numa posição melhor para ver que a discriminação sofrida pelas mulheres, como mão-de-obra remunerada, esteve diretamente relacionada à sua função como trabalhadoras não assalariadas no lar." (FEDERICI, 2004, p.172)

A questão da subsistência passa pela ideia de ter uma fonte de renda favorável para o mantimento básico, enquanto as questões que envolvem os interesses e habilidades profissionais são deixadas de lado pela falta de acesso sendo ocupadas por pessoas de maior poder aquisitivo. Essa falta de acesso, é percebida desde a juventude, quando a educação escolar nas camadas mais pobres está direcionada a atingir metas de uma educação tecnicista que prioriza apenas a eficácia.

Ao jovem se deparar com a realidade do mercado de trabalho, encontra as consequências que o capitalismo provoca quando torna cada vez mais indignas suas condições de trabalho, retirando direitos fundamentais para seu bem-estar social. Um exemplo disso, são os empregos informais por aplicativo, edulcorados pelo discurso meritocrático, sem garantir ao trabalhador um contrato composto de seus direitos. Esse processo é violento, pois descaracteriza a humanidade enquanto considera o trabalhador apenas um produto para servir de mão de obra na economia.

> A partir da própria economia política, com as suas próprias palavras, mostramos que o trabalhador desce até ao nível de mercadoria, e de miserabilíssima

> mercadoria; que a miséria do trabalhador aumenta com o poder e o volume da sua produção (MARX, 1964, p. 157)

O percurso profissional que o jovem perpassa ao longo de sua jornada é caracterizado por inúmeros fatores socioculturais, que vão formar suas representações sociais. Nesse sentido, é preciso considerar também a representação que existe sobre a própria juventude.

Para Novaes (2006, p.105), a juventude se define através de uma experiência que será particular de acordo com o contexto histórico da época. Mesmo havendo similaridades, como, por exemplo, jovens que são da mesma faixa etária, cada um terá consigo uma experiência diferente sobre juventude.

Assim, as representações sociais sobre juventude contidas em uma determinada sociedade são resultados do intercâmbio do senso comum e da cultura em relação ao sujeito, é algo que se constitui mediante as interações que se desenvolvem, onde ele transforma e é transformado, resultando no que chamamos de cultura, ou seja, não existe conceito de sujeito que elimine a sociedade enquanto instância constitutiva de si mesmo.

Essa realidade, repleta de imagens, constrói os processos de significação no mundo. São estes conceitos que compartilhamos uns com os outros, estruturantes da nossa cultura e também determinantes quando pensamos em nossas ações e escolhas.

Por conseguinte, o conceito de trabalho nessa etapa da vida é algo bastante discutido entre os jovens, que carregam consigo várias impressões decisivas sobre suas futuras decisões profissionais. Para compreender sobre esse processo de escolha profissional é preciso considerar os diversos marcadores que atravessam a vivência desses jovens, como o fato da força vinda da classe socioeconômica sobre as oportunidades de trabalho para cada uma das realidades. Isso caracteriza a reprodução de posições classistas que permanecem intactas por interesses do Estado, conforme se busca apreender pelo conceito de interseccionalidade, pois:

> A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e

> políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento (CRENSHAW, 2002, p. 177).

Esses interesses têm como base o teor político, religioso e econômico do contexto da época. Hoje percebemos que o Estado mantém como foco a perpetuação de um modelo hegemônico sobre a economia que consequentemente atinge as escolhas profissionais da população. Examinar a atuação do Estado nessa perspectiva requer considerar todo histórico de intervenções sociais sobre a noção de trabalho.

Segundo Horn (1997, p.78), o trabalho no Brasil teve em grande parte incentivo vindo da educação como forma de proporcionar a prática ativa para o mercado de trabalho. Isso surge com interesse no crescimento econômico do Estado por meio da eficácia dos trabalhadores. As teorias pedagógicas tecnicistas priorizavam somente a qualificação para o mercado de trabalho, principalmente para as camadas mais pobres da população.

Essa tendência refletiu em uma cisão entre teoria e prática, quando houve a intenção de associar a educação à formação de mão de obra qualificada para o mercado de trabalho, excluindo outros aspectos formativos fundamentais. Com isso, os jovens que tinham menor poder aquisitivo na família, tinham acesso a um ensino técnico e pontual que, no final das contas, reproduzia a estrutura capitalista.

Esse processo caracteriza a sujeição dos trabalhadores. Parte disso, se desenvolve a partir da desqualificação do trabalho artesanal com a introdução dos maquinários. Com isso, o trabalho de manufatura foi substituído por máquinas, que consequentemente tornaram a posição do trabalhador de produtor para o mero inspetor do maquinário.

Fatores como esse resultaram na mercantilização dos corpos alimentando uma estrutura hegemônica. Quando percebemos que a divisão social do trabalho é constituída por uma série de relações sociais marcadas pela acumulação primitiva e é definida conforme os diferentes tipos de propriedade, caracterizando os meios e instrumentos de trabalho desiguais. Como observado por Chauí:

> “A divisão social do trabalho não é uma simples divisão de tarefas, mas a manifestação de algo fundamental na existência histórica: a existência de diferentes formas da propriedade, isto é, a divisão entre as condições e

> instrumentos ou meios de trabalho, e o próprio trabalho, incidindo, por sua vez, na desigual distribuição do produto do trabalho. "(CHAUÍ, 1981, p. 59)

Para entender o conceito de propriedade, é preciso investigar ao longo da história seu percurso em função do modelo capitalista. Com a propriedade no contexto feudal, a sociedade é separada entre os proprietários da nobreza e os trabalhadores sendo os servos das terras, marcando o surgimento dos comerciantes (CHAUÍ, 1981, p. 60). Esse modelo dá origem ao que conhecemos hoje como propriedade privada.

Esses aspectos marcam a divisão social do trabalho entre a produção intelectual e a mão de obra. Podemos perceber esse paralelo com a classe assalariada da sociedade. As pessoas com maior poder aquisitivo, são as que ocupam posições de prestígio e sucesso, enquanto que as pessoas pobres são colocadas como o maquinário dessa estrutura, com a desvalorização da sua mão de obra e salários indignos, processo que constituirá o trabalho alienado.

Outra característica marcante do mundo do trabalho dentro de um contexto capitalista, é o conceito devolvido por Karl Marx de trabalho alienado, cujo, noção se baseia no distanciamento que o trabalhador tem de sua própria produção, tornando alheio a esses mecanismos.

> "No sentido em que lhe é dado por Marx, [*alienação* é a] ação pela qual (ou estado no qual) um indivíduo, um grupo, uma instituição ou uma sociedade se tornam (ou permanecem) alheios, estranhos, enfim, alienados [1] aos resultados ou produtos de sua própria atividade (e à atividade ela mesma), e/ou [2] à natureza na qual vivem, e/ou [3] a outros seres humanos, e – além de, através de, [1], [2] e [3] – também [4] a si mesmos (às suas possibilidades humanas constituídas historicamente). Assim concebida, a alienação é sempre alienação de si próprio, ou auto-alienação, isto é, alienação do homem (ou de seu ser próprio) em relação a si mesmo (as suas possibilidades humanas), através dele próprio (pela sua própria atividade)". (BOTTOMORE, 2001, p.5).

Bottomore (2001) aprofunda no conceito de alienação, sendo ele um mecanismo de manter os formatos desiguais de consumo e produção. Além de tornar o trabalhador alheio de si mesmo, considerando sua produção do qual o mesmo nunca irá usufruir, ou ter conhecimento sobre sua finalidade, e principalmente sobre seu próprio valor. Assim, o sistema se apropria e explora do seu trabalho.

Com isso, enquanto há uma educação que objetiva apenas a mão de obra qualificada para o Estado, há também o desinteresse na formação democrática no ensino ofertado aos jovens.

Esse modelo de ensino alimenta a estrutura com a concentração de renda em paralelo com a crescente desvalorização da mão de obra dos trabalhadores. Sendo justificado através de um discurso ideológico, cujo objetivo é alienar a população com a falsa esperança de oportunidades dignas de trabalho. Assim, percebemos ao longo de anos como o percurso das oportunidades de trabalho diferem conforme a classe social.

Essas tendências afetam a realidade dos jovens que terão consigo diferentes oportunidades de trabalho seguindo uma lógica vertical de poder. E uma das inúmeras manipulações do sistema capitalista, nessa perspectiva, é a de reproduzir o discurso meritocrático sobre o futuro profissional, onde as posições profissionais bem remuneradas seriam alcançáveis por mérito próprio, retirando a responsabilidade que o Estado tem de garantir o acesso equânime para a população.

Hoje, nessa perspectiva, surge a ideologia do empreendedorismo que tem se disseminado nas camadas populares, e principalmente entre os jovens. Essa ideia baseia-se na esperança que inúmeros trabalhadores informais têm de alcançar o crescimento financeiro, através da ideia de que "você é capaz, é preciso apenas querer''.

Entretanto, sabemos que com o acúmulo de riquezas, o poder das classes dominantes e as desigualdades de acesso, essas pessoas acabam muitas vezes presas na mesma situação econômica tende consigo o desgaste da falta de políticas trabalhistas que asseguram o mínimo de segurança e estabilidade.

Além disso, como abordado anteriormente, o critério que define quem pode ocupar as melhores carreiras e oportunidades de trabalho, vem de um padrão misógino e racista, enraizado em pensamentos discriminatórios. Por isso, tornam-se tão necessárias políticas públicas para garantir para a população seus direitos básicos. Essa opressão atinge inúmeros desdobramentos com os estereótipos de gênero quando observamos a dominação sobre o modo de trabalho das mulheres. Como observado por Federici em relação ao processo de privatização da terra na formação do capitalismo e suas consequências para o trabalho das mulheres:

> “As mulheres também se viram prejudicadas pelos cercamentos, porque assim que a terra foi privatizada e as relações monetárias começaram a dominar a vida econômica, elas passaram a encontrar dificuldades maiores do que as dos homens para se sustentar, tendo sido confinadas ao trabalho reprodutivo no exato momento em que este trabalho estava sendo absolutamente desvalorizado.” (FEDERICI, 2004, p.132)

Acabamos acreditando que a sociedade é um lugar de equidade e oportunidades igualitárias entre os jovens, quando, na verdade, homens e mulheres percorrem diferentes caminhos de acordo com suas condições e características.

Logo então, há a importância de construir um espaço crítico onde o sujeito exerça a reflexão sobre suas práticas, capaz de transformar o aprisionamento das ideologias dominantes. Quando o sujeito tem consigo a possibilidade de pensar sobre si mesmo e, assim, questionar os momentos em que seu discurso é apenas uma fala que reproduz.

Esse processo faz parte de questionar o binarismo gênero/sexo imposto pela sociedade que constrói imagens de um sujeito determinado por essas instâncias. Entretanto, o gênero faz parte de uma construção social imersa em performatividades, não sendo fixo e limitado como ele é pela matriz binária homem/mulher. Por isso, torna-se fundamental que o sujeito crie um lugar de questionamento e luta diante dessas estruturas de poder, como um espaço de subversão frente à norma.

> “Imaginemos que a sedimentação das normas do gênero produza o fenômeno peculiar de um “sexo natural”, uma “mulher real”, ou qualquer das ficções sociais vigentes e compulsórias, e que se trate de uma sedimentação que ao longo do tempo, produziu um conjunto de estilos corporais que, em forma reificada, aparecem como a configuração natural dos corpos em sexos que existem numa relação binária uns com os outros. Se esses estilos são impostos, e se produzem sujeitos e gêneros coerentes que figuram como seus originadores, que tipo de performance poderia revelar que essa “causa” aparente é um “efeito”? (BUTLER, 2003, p.199)

Para pensar a estrutura social, é preciso discutir as ideologias que estão presentes na cultura por interesses do Estado, e que compõem as representações sociais de inúmeras mulheres sobre suas escolhas profissionais. O esquema a seguir ilustra essa dinâmica, apresentando uma síntese das questões que foram abordadas nesta seção.

Figura 2 - Mapa mental das representações sociais sobre gênero

Fonte: Elaborado pela autora

2.2. Um Olhar Sobre os Papéis de Gênero na Educação

A perspectiva crítica da educação tem uma bagagem rica de conhecimentos para agregar às escolas a transformação de muitos estereótipos de gênero. Para isso, é necessário compreender os mecanismos de reprodução capitalista e como a educação pode assumir uma postura reprodutiva desses modelos hegemônicos.

Primeiro torna-se fundamental examinar os desdobramentos que a força das ideologias tem na cultura. A ideologia se caracteriza como um conjunto de representações dinâmicas, criadas por motivações políticas, econômicas ou religiosas do Estado. Essas imagens têm consigo o poder de alienar através dos discursos.

> “Esse ocultamento da realidade social chama-se ideologia. Por seu intermédio, os dominantes legitimam as condições sociais de exploração e de dominação, fazendo com que pareçam verdadeiras e justas.” (CHAUÍ, 1981, p.24).

Para a educação, as ideologias podem determinar a finalidade que a escola poderá assumir, sendo uma ferramenta usada para ocultar a realidade e encobrir visões distorcidas sobre o mundo. Apesar disso, são passíveis de transformações.

Isso ocorre com a inserção da criticidade na construção do pensamento humano, é por isso que deve ser considerada a importância de uma educação crítica como foi proposta por Freire. Quando essas imagens não são mais tidas como verdades absolutas na cultura, como posições e elementos inquestionáveis, ocorre o fortalecimento da autonomia do sujeito.

> A pedagogia do oprimido que, no fundo, é a pedagogia dos homens empenhando-se na luta por sua libertação, tem suas raízes aí. E tem que ter, nos próprios oprimidos que se saibam ou comecem criticamente a saber-se oprimidos, um dos seus sujeitos. (FREIRE, 1968, p.16)

Entretanto, é necessário analisar as tendências que estão em curso em relação aos elementos curriculares da educação. A formação de um profissional crítico deve estar baseada em aspectos inclusivos que abordem a diversidade dentro da sua ação pedagógica, é fundamental reconhecer as implicações presentes na educação para uma ação coerente sendo contra as fortes tendências hegemônicas e tecnicistas, que colaboram para a repetição de discursos sexistas.

Para isso, torna-se fundamental que o educador esteja próximo daqueles que são oprimidos, já que esta pedagogia não pode ser elaborada por opressores (FREIRE, 1968, p.15). É um modo de compreender a realidade que vem para reivindicar a fala dos que foram ao longo da história silenciados e oprimidos.

É preciso abordar as dinâmicas sociais que estruturam essa temática com a seleção de conteúdos que coloquem a prática da autonomia para os estudantes. Nas escolas, observamos o hoje sendo revestido do mesmo que havia no passado. Por isso, torna-se necessário transformar a partir de educadores críticos frente às tendências opressivas da estrutura social.

Freire (1968, p.113) afirma que a invasão cultural faz parte da dominação com os discursos ideológicos. É um processo em que as pessoas invadidas e dominadas são colocadas numa posição de inferioridade, e acabam tendo como única saída reconhecer os dominadores como superiores.

Ao estarem nessa posição, há inevitavelmente a adoção de valores e princípios que vêm das classes dominantes. São os discursos contidos no nosso cotidiano que propiciam ao longo dos anos a reprodução de uma estrutura

hegemônica. O ensinar deve ser uma tarefa que reconhece os valores e diferentes tipos de saberes e não seja resumido ao ato de repetir fundamentos mantidos por classes dominantes. Ao lidar com o sujeito, necessita haver acolhimento de suas vivências e seus aspectos particulares, não se trata transferir conteúdos, mas sim de ouvir o educando e ao se aproximar de sua realidade proporcionar liberdade como forma de transformação.

Com a prática pedagógica crítica é possível transformar as formas de ensino opressivas que consideram a educação como uma técnica de transferência, ou técnica dentro do conceito de educação bancária que elimina o papel da educação no desenvolvimento da democracia, como elementos essenciais para construção de sujeitos autônomos, ao invés da reprodução opressiva que contempla a norma como única forma válida de saber na sociedade.

Por essa linha de pensamento, ao considerar a invasão cultural nas escolas, fica claro como os estudantes podem ter contato com um modelo que privilegia apenas um ponto de vista em detrimento de outros. Quando há um consenso cultural em nortear as práticas pedagógicas com o padrão estabelecido, mesmo que haja nas escolas a abordagem da diversidade, no final das contas, a educação se resume ao que é adequado perante a norma, como os conceitos de feminilidade e masculinidade aceitos.

> "[...] uma noção singular de gênero e sexualidade vem sustentando currículos e práticas de nossas escolas. Mesmo que se admita que existem muitas formas de viver os gêneros e a sexualidade, é consenso que a instituição escolar tem obrigação de nortear suas ações por um padrão: haveria apenas um modo adequado, legítimo, normal de masculinidade e de feminilidade e uma única forma sadia e normal de sexualidade, a heterossexualidade; afastar-se desse padrão significa buscar o desvio, sair do centro, tornar-se excêntrico". (LOURO, 2012, p. 43-44)

Essa problemática está presente também quando o indivíduo é afastado de sua dimensão histórica, invalidado em suas possibilidades de reconhecer suas origens e forças, colocando-o na posição de sujeição com o discurso que busca naturalizar condições opressivas.

As salas de aula repletas de diversidade acabam sendo conduzidas ao silenciamento com condutas e práticas rígidas que denotam frieza vinda do professor, isso serve como um símbolo de dominação e colonização, sendo o sujeito

oprimido, fechado, calado e controlado, impedido de exprimir a verdade que os dominadores evitam olhar.

Nesse sentido, as estruturas da repressão não permitem que a voz subalterna seja escutada, principalmente porque o domínio permanece nos centros acadêmicos, onde discursos teóricos são criados por interesses que correspondem aos critérios racistas, misóginos e classistas. Dessa forma, esse espaço de conhecimento acaba sendo restrito, afetando a própria concepção e autorrepresentação dos sujeitos oprimidos, resultando no não exercício da autonomia e liberdade.

Portanto, cabe ao educador proporcionar espaço para o exercício da autonomia, e essa tarefa envolve abrir os conhecimentos trabalhados em sala de aula para além da visão cartesiana que desconsidera outros saberes tão relevantes quanto aqueles contidos nos padrões científicos.

É necessário romper as fronteiras que dividem o conhecimento válido e o não válido, indo além da dicotomia existente na produção de conhecimento entre o científico e o senso comum que gera o silenciamento das formas e maneiras diversas de enxergar o mundo.

Nesse sentido, o respeito à individualidade e subjetividade precisa ser visto em sua estrutura, Assim, a prática pedagógica deve abranger o social, como forma de produzir emancipação.

> “Percebe-se, assim, a importância do papel do educador, o mérito da paz com que viva a certeza de que faz parte de sua tarefa docente não apenas ensinar os conteúdos, mas também ensinar a pensar certo. Daí a impossibilidade de vir a tornar-se um professor crítico se, mecanicamente memorizador, é muito mais um repetidor cadenciado de frases e de ideias inertes do que um desafiador”. (FREIRE, 1996, p.15)

O propósito de democratizar o saber é encontrado nos objetivos de uma educação que busca entender e acolher o educando como base do trabalho pedagógico. Com isso, educar deve ter como princípio a autonomia dos estudantes e esse processo só é possível através de mecanismos de reflexão crítica e da auto observação dos próprios atos e ações.

A partir disso, a educação possibilita ao estudante desvendar as ideologias dominantes e suas formas de manipulação. Esse desvendamento, nos possibilita

encarar a realidade por outras perspectivas que nos sejam mais favoráveis no sentido de nossa emancipação e autonomia. Tarefa que envolve ampliar representações até então fixas como única verdade inquestionável.

Os papéis de gênero podem ser problematizados a partir dessa conduta educativa que evidenciará a imposição capitalista que nos direciona a uma norma universal sobre o que é ser homem e mulher, e que retira aspectos subjetivos e particulares, limitando nossa experiência. As problemáticas que atravessam o gênero direcionam nosso ser a um *script* aceito socialmente, estamos todos imersos em uma realidade que nos direciona e nos nomeia enquanto sujeito, perante o olhar externo do Outro.

Logo então, é necessário que o ensino problematize essas questões a partir do senso crítico dos estudantes, para que a realidade seja vista conforme ela é, baseada em desigualdades sociais.

Nesse sentido, não estamos falando de educação bancária vista por muitos como investimento, não é democrático relacionar a educação com o poder aquisitivo, visto que a sociedade tem consigo diferentes realidades em função da exploração capitalista.

> “O necessário é que, subordinado, embora, à prática “bancária”, o educando mantenha vivo em si o gosto da rebeldia que, aguçando sua curiosidade e estimulando sua capacidade de arriscar-se, de aventurar-se, de certa forma o “imuniza” contra o poder apassivador do "bancarismo". Neste caso, é a força criadora do aprender de que fazem parte a comparação, a repetição, a constatação, a dúvida rebelde, a curiosidade não facilmente satisfeita, que supera os efeitos negativos do falso ensinar. Esta é uma das significativas vantagens dos seres humanos – a de se terem tornado capazes de ir mais além de seus condicionantes. Isto não significa, porém, que nos seja indiferente ser um educador “bancário” ou um educador “problematizador”.” (FREIRE, 1996, p.14)

3. Estudo de Campo: Abordagem Metodológica

Esta seção apresenta a abordagem metodológica utilizada na etapa de pesquisa em campo. Foi adotada a perspectiva qualitativa nos procedimentos para coleta de informações junto às estudantes participantes do estudo.

A pesquisa qualitativa busca recolher o discurso do sujeito, evitando o viés generalista que pode ocorrer em técnicas quantitativas. Assim, a leitura e interpretação das informações tiveram como objetivo examinar as representações contidas nas falas das entrevistadas, buscando investigar traços das realidades por elas vivenciadas.

Para analisar o discurso das estudantes participantes do projeto, é preciso compreender a dimensão que estes podem ter ao apresentarem ideologias ocultas, através do fenômeno de alienação, que ocorre quando as experiências vividas pelos seres humanos não são atreladas a eles, mas são direcionadas a forças alheias às suas (CHAUÍ, 1981, p. 80).

Com isso, a realidade torna-se cada vez mais distante em função de explicações e justificativas vindas das classes dominantes que cristalizam uma visão distorcida da realidade para os sujeitos. Um exemplo disso, é como na educação as problemáticas são vistas quando inúmeros jovens já lidam com a centralidade de uma perspectiva normativa do ensino, que desqualifica modos e formas de viver divergentes.

Por isso, destrinchar as falas das estudantes considerando seu contexto educacional faz parte de um processo delicado de entender as imagens que surgem espontaneamente nas respostas. A análise consiste principalmente nas relações sociais das entrevistadas por conter as impressões e imagens presentes na cultura.

> "A teoria da associação (Freud, mas também a teoria da aprendizagem) numa primeira etapa, o aparecimento dos ordenadores numa segunda, o estruturalismo (linguística e sociologia) contribuíram para orientar finalmente as técnicas de análise não mais para a simples frequência da aparição dos elementos do texto, mas para as relações que os elementos do texto mantêm entre si." (BARDIN, 1977, p.197).

O primeiro passo na análise dos dados se utilizou da leitura flutuante, buscando captar elementos que permitissem identificar as representações sociais presentes nas falas das participantes.

Nessa etapa, é fundamental analisar quais são as imagens contidas nos discursos das participantes com base na definição de ideologia apresentada por Chauí (1981), pois através da investigação dessas representações, é possível compreender as consequências que os papéis de gênero têm nas suas escolhas profissionais.

Esse primeiro momento de análise produz o sentido motriz da pesquisa. Esse movimento consiste em examinar os resultados de cada uma das participantes do projeto, constituindo-se de relações por meio do objeto de referência.

> “A partir de uma primeira leitura flutuante, podem surgir intuições que convém formular em hipóteses, como por exemplo: as relações que o indivíduo mantém com o seu automóvel não são estritamente funcionais, mas estão coloridas de afetividade, simbolicamente carregadas. São relações que remetem para representações sociais, ou para estereótipos relativos ao automóvel. Variam segundo sexo, etc. “. (BARDIN, 1977, p.60).

A coleta de dados é o ponto de partida nesse processo, sendo ele estruturado a partir dos mecanismos clássicos de comunicação, composto pelo emissor, o receptor, a mensagem e o canal, nesse caso a vídeo-chamada por permitir maior acesso em relação à locomoção física, necessitando apenas de um ambiente com disponibilidade de internet. Outro ponto da escolha da vídeo-chamada é a necessidade de distanciamento, seguindo as orientações de segurança em saúde em função da COVID 19.

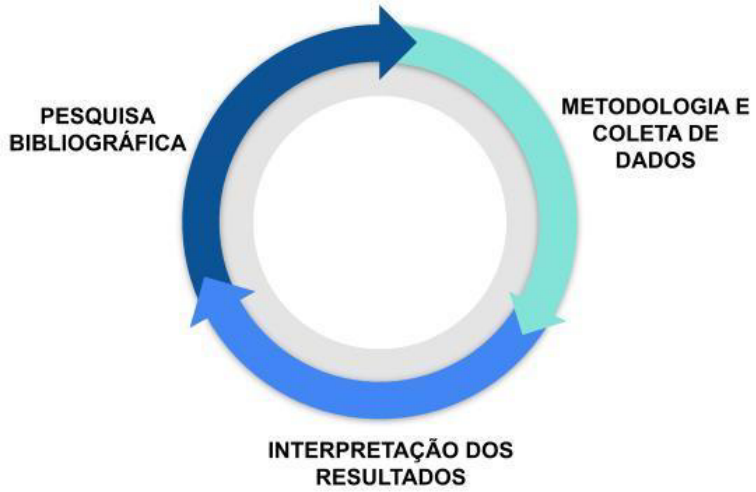
A entrevista semiestruturada, como procedimento para a coleta de dados, requer minuciosa atenção por se tratar do conteúdo que constitui o ‘corpus’ do trabalho. A escolha deste procedimento destaca-se por ser flexível e interativo, permitindo incluir novos questionamentos ao longo do processo de coleta. O roteiro utilizado como guia, recorre a questões abertas, focando em oferecer uma abordagem mais subjetiva de acordo com cada uma das estudantes.

Foram selecionadas três alunas de cursos da área de engenharia, extensionistas do projeto Meninas Velozes no ano de 2021. A participação na entrevista se deu de forma voluntária. Sendo importante que nesse processo haja a garantia do sigilo da identidade das participantes, segundo as orientações de ética em pesquisa, foi aplicado o termo de consentimento livre e esclarecido que dispõe sobre o anonimato e as condições de desenvolvimento da pesquisa.

Após a análise, foi realizada a etapa de interpretação a partir da contextualização, um passo essencial para alcançar uma interpretação de qualidade. Nesse momento, foram elaborados questionamentos que serviram de guia na construção das inferências sobre os resultados obtidos na etapa anterior. Também foram considerados os aspectos ou mudanças culturais, como a influência socioeconômica (BARDIN, 1981, p.139).

As representações sociais das estudantes sobre o trabalho fazem parte de suas trajetórias como mulheres na sociedade. Assim, as entrevistas foram registradas baseando-se na análise de conteúdo, seguindo os procedimentos citados na organização do ‘corpus’ do trabalho. Esses fatores foram essenciais para alcançar os objetivos investigatórios e norteadores da pesquisa. O esquema a seguir ilustra de forma simplificada os passos realizados, até a interpretação dos resultados.

Figura 3 - Etapas da elaboração de pesquisa



Fonte: Elaborado pela autora

4. O Projeto Meninas Velozes

A partir da necessidade de criar mais representatividade de mulheres nas áreas de engenharia, o projeto Meninas Velozes busca atingir a equidade de gênero na área. Em média, as mulheres matriculadas nas engenharias correspondem a 25% dos discentes. Por isso, a importância de um projeto que possa proporcionar mecanismos para superar essa problemática.

Em consonância com a fundamentação teórica, em que abordamos as dificuldades enfrentadas por mulheres em relação aos papéis de gênero, a proposta do projeto busca alcançar níveis igualitários quando o assunto são as profissões, por considerar que existem percursos discriminatórios e de difícil acesso para as mulheres nas áreas de engenharias e ciências exatas.

O projeto atende escolas públicas periféricas do Distrito Federal, desde 2013. As oficinas são apresentadas pelas participantes voluntárias do curso de engenharia e pela equipe de professores que executam e orientam as estudantes de ensino médio para a realização das atividades propostas colaborativamente, tendo como foco proporcionar a união entre teoria e prática dos conhecimentos, seguindo as orientações da Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Além disso, o projeto traz como pauta a representatividade para as meninas, tornando as áreas de engenharias um espaço ocupado por elas. Nesse sentido, proporcionar que seja problematizado a falta de igualdade nesses espaços cria possibilidades de subverter os estereótipos de gênero, além de envolver a realidade socioeconômica, considerando que as estudantes são de cidades periféricas do DF.

O projeto serve de base para discussão sobre os papéis de gênero nas escolhas profissionais, considerando as trajetórias escolares. Foram consideradas as representações que demarcam a realidade de cada uma das participantes do projeto, tornando possível o fortalecimento das representatividades ao discutir fatores interseccionais.

Com o olhar para as representações sociais, tendo como marcadores os fatores socioeconômicos, culturais, de gênero, raça/etnia, buscou-se identificar questões acerca da diferença de acesso comparada à realidade dos homens quando falamos dos cursos de engenharia. Há todo um preparo social incutido nas relações sociais para que esses espaços continuem a ser ocupados somente pelos homens.

Essas ações planejadas pela equipe multidisciplinar do projeto buscam a reparação das desigualdades através das oficinas realizadas de maneira lúdica e acessível, com metodologias que priorizam a aprendizagem ativamente, através de problemas práticos para serem solucionados com materiais disponibilizados em laboratórios.

O projeto Meninas Velozes tem como foco acrescentar por meio de questionamentos novas escolhas de atuação profissional para as mulheres, e ampliar suas perspectivas para além do que foi colonizado como única alternativa profissional pautado nos estereótipos de gênero.

No Brasil, esses estereótipos afetam as escolhas profissionais das mulheres em grande escala, os dados do Censo de 2011 do INEP apontam para o público de 30% de mulheres nas áreas de engenharias, enquanto os 70% restantes é composto por homens.

Esse cenário aponta para questões estruturais que estão presentes nos círculos sociais e afetam diretamente o mundo do trabalho. A iniciativa do projeto nesse sentido é proporcionar que reflitam sobre ser menina dentro de condições limitadas e desiguais por questões racistas e classistas considerando sua vivência em camadas periféricas do Distrito Federal.

O projeto alcança um grande número de meninas dentro dessa realidade. Essas meninas muitas vezes são condicionadas a ocuparem apenas determinadas posições no meio acadêmico e profissional. A título de exemplo, a maior força trabalhista de grandes empresas multinacionais é formada por mulheres empregadas por contratos terceirizados e com baixa remuneração.

Outro aspecto, é que a falta de acesso a uma boa escolaridade, como também a condições de permanência, resulta em influenciar o trabalho reprodutivo para as mulheres, como único projeto restante, tocando em aspectos identitários, nesse caso, a imagem da maternagem recai como um imperativo muito presente na realidade de mulheres oriundas de cidades periféricas.

O projeto tem um importante papel em possibilitar para as meninas representatividade e conhecimento sobre aspectos sociais que antes estavam ocultos por uma realidade que nega a desigualdade com tendências ideológicas favorecendo uma estrutura hegemônica.

Nesse sentido, é uma possibilidade de pensar em caminhos mais democráticos para as meninas de cidades periféricas que sofrem com a

desigualdade social e que, muitas vezes, realizam escolhas profissionais pautadas nos papéis de gênero.

4.1. As vozes das Meninas Velozes

As voluntárias

Esta pesquisa investigou as representações das estudantes participantes voluntárias do projeto Meninas Velozes sobre suas escolhas profissionais considerando o recorte de gênero. Foram selecionadas três estudantes para participar voluntariamente da entrevista, estas estudantes ingressaram como voluntárias do projeto entre os anos de 2019 e 2021, sendo graduandas de cursos de engenharias na Universidade de Brasília.

Como discentes de cursos de engenharias, a participação delas no projeto consiste em auxiliar os professores nas oficinas ministradas e também orientar as estudantes de ensino médio sobre conhecimentos e temáticas dentro da área de engenharia. As voluntárias têm entre 21 e 22 anos de idade, e fazem parte das opções do curso de engenharia mecânica, engenharia florestal e engenharia aeroespacial.

As participantes foram entrevistadas por meio de videochamada com um roteiro semiestruturado, o primeiro momento da entrevista foi composto de uma breve aproximação e contextualização acerca do tema de pesquisa e seu conteúdo. Para isso, os dados de identificação das estudantes foram coletados, para caracterização das entrevistadas serão utilizados nomes fictícios com a finalidade de preservar o anonimato das participantes.

Quadro 1 - Caracterização das participantes: idade/escola de origem/ curso de graduação

Estudante:	Escola:	Curso:
Ana	Pública	Engenharia X
Luísa	Pública	Engenharia Y
Carla	Pública	Engenharia Z

Com a coleta das principais informações das estudantes, a entrevista sucedeu com questões abertas sobre as experiências percorridas como mulher dentro da graduação de engenharia.

As questões norteadoras das entrevistas foram:

1) Fale sobre como foi o processo de escolha do curso de graduação e como se sentiu ao ingressar no curso de engenharia.

2) Fale como você percebe as mulheres no mundo do trabalho, você acha que existem profissionais com perfil masculino ou feminino, os estereótipos que você enxerga na sua futura profissão.

3) Fale sobre sua vivência familiar em relação aos papéis de gênero, sobre como ocorre a divisão do trabalho doméstico na sua família, preconceitos e estereótipos foram experienciados.

4.2. Análise e interpretação dos dados coletados

Na análise das falas das estudantes, utilizou-se a teoria das representações sociais de Moscovici (1978) cujo paradigma da época tinha a psicologia como algo estático pelo destaque que o enfoque behaviorista tinha em considerar o conhecimento científico apenas pela via experimental.

Nesse sentido, Moscovici compreende que as representações podem ser marcadas pelo subjetivo, sendo imagens dinâmicas, quebrando a ideia dicotômica entre mundo exterior e interior já que as imagens são construídas pela cultura, ao mesmo tempo que também são elementos constitutivos da cultura. O senso comum dentro dessa perspectiva é um conhecimento a ser considerado quando é uma das principais fontes de busca de representação na sociedade.

> ‘’Para Moscovici (1985), o dualismo entre o mundo individual e o mundo social provocava repulsa, uma vez que sua intenção era desenvolver uma psicossociologia do conhecimento que levasse em consideração tanto os elementos individuais quanto os fatos sociais, sendo essencial, segundo Sá, a influência dos contextos sociais não somente nos comportamentos individuais, mas também na construção das próprias realidades sociais.’’ (ROCHA, 2014, p. 52)

Além disso, com o rompimento do modo cartesiano de construção do conhecimento, a teoria das representações sociais busca reconhecer e valorizar saberes que por muito tempo foram esquecidos pela ciência, como o caso das questões de gênero sobre o processo identitário das mulheres.

Sua aproximação com os aspectos que envolvem a luta e reivindicação das minorias na sociedade, é uma grande conquista frente ao conhecimento colonizado pelo viés racionalista predominante de um contexto misógino em que a ciência era definida pela visão de homens brancos.

Por esse motivo ao olhar o conhecimento empírico considerando os saberes populares é valorizada a subjetividade do sujeito, elemento por muito tempo ignorado pelos meios acadêmicos em função de enquadrar todos os saberes em uma norma universal. Há nesse aspecto, forte crítica ao binarismo, natureza/cultura, e uma relação que se estabelece nas estruturas de conhecimento que dividem as dimensões humanas desconsiderando a alteridade.

Dentro desse aspecto podemos pensar os questionamentos feitos por Judith Butler acerca do dualismo entre homem/mulher, feminino/masculino que cria contextos opressivos na construção do saber humano, como é o caso das imagens constituídas no mundo das profissões pautadas nessa divisão binária.

A estudante Ana faz parte do curso de engenharia na UnB – FGA. De acordo com o informado pela aluna, a escolha pela graduação foi motivada pelo interesse na área de exatas durante o ensino básico e seu gosto por aviões.

No início da graduação percebeu a diferença entre mulheres e homens ingressos no curso de engenharia, afirmou que já imaginava que teria em maior número homens matriculados, mas disse que isso não foi relevante para ela.

Sobre suas perspectivas profissionais, sua vontade é de prosseguir na área acadêmica ingressando no mestrado, relatou que nunca teve experiência profissional como estágios, e disse que é difícil encontrar vaga nessa área principalmente por se tratar de Brasília.

Quanto a sua experiência como mulher, ela relata que houve inúmeros episódios de preconceito por parte dos homens, em que era desqualificada em relação ao seu entendimento na área, e também sobre sua capacidade de realizar tarefas presentes no curso que envolviam algum grau de força física.

Esse comportamento masculino parte do dispositivo da eficácia apontado por Zanello (2018) que demonstra o quanto homens são expostos durante seu desenvolvimento ao imperativo sexual e agressividade como fatores identitários, esse imperativo requer que na medida que se tenha ‘’força’’ seja repelida a vulnerabilidade gerando a misoginia como estrutura constituinte da masculinidade na sociedade.

> “Os homens, por seu turno, também foram compreendidos a partir de certas qualidades agora tomadas como “naturais”. Elas seriam a ação energética, a atividade secundária, a coragem, a resistência física e moral, o controle de si (emoções e corpo), cabendo a eles o âmbito público e o trabalho reconhecido e remunerado. Firma-se uma nova configuração das virilidades, cuja historicidade é necessário reconhecer. “(ZANELLO, 2018, p.177)

Nesse sentido, ao ser relatado por Ana a experiência de desqualificação por ser mulher, é reiterada a imagem de uma mulher pautada nos ideais de fragilidade e fraqueza segundo o olhar misógino. Essa representação remete a repetição de frases no cotidiano que são estruturalmente problemáticas, como por exemplo as piadas da “loira burra” que escondem em si a ideia de que a mulher deve ser burra/desqualificada para ter algum sucesso, pois este deve somente estar atrelado sobre sua disponibilidade sexual, principalmente no campo profissional e acadêmico.

> “O silêncio também é mantido em outro aspecto muito importante dentro da economia amorosa presente nesse dispositivo: a disponibilidade afetiva e sexual que deve ter a mulher. “(ZANELLO, 2018, p.120)

Imagens como essas, revelam o adoecimento das estruturas de gênero da sociedade, quando percebemos objetificação do corpo feminino vindo pela prerrogativa do homem, sempre ativo sexualmente, onde a mulher é impossibilitada de ser vista como pessoa capaz. As mulheres no campo profissional são estimuladas a esconderem suas habilidades e conhecimentos por terem consigo o medo de serem vistas como menos femininas e logo são desqualificadas para determinadas funções, restando o silenciamento.

> “Segundo Perrot (2012), a prescrição do silêncio a mulher é um mandamento bíblico, pois Paulo já dizia: “A mulher aprenda em silêncio, com toda a sujeição. Não permita que a mulher ensine nem use de autoridade

> sobre o marido, mas que permaneça em silêncio."(ZANELLO, 2018, p.118)

Outro aspecto, é que na medida em que existem políticas públicas para garantir o espaço de mulheres no mercado de trabalho, há o incômodo por parte dos homens em relação a essas conquistas e, como maneira de continuarem com o controle, desqualificam os feitos das mulheres.

Isso ocorre pelo fato de a representação de força e sucesso estarem associadas à imagem do gênero masculino, e por esse motivo, as mulheres não são associadas a essa posição, e quando são perdem a imagem de feminilidade atribuída culturalmente. Isso é constatado nas graduações de engenharia por ser uma área historicamente dominada pela presença masculina.

Segundo Bock, ao pensarmos nas profissões sempre associamos ela a uma pessoa, isso inclui aspectos interseccionais como raça, gênero e classe, que vão definir a imagem de uma determinada pessoa para determinada profissão.

> “As pessoas, ao pensar nas profissões, mobilizam imagens que foram construídas durante toda a sua vida. Para esta construção, contribui todo o seu processo de socialização, e não apenas um momento, um contato, uma história. O jovem constrói uma cara de um profissional da informática, por exemplo, a partir de desenhos animados a que assistiu na infância, de filmes e livros de ficção científica, por meio da relação de seus pais e amigos com o computador, de aulas na escola sobre a matéria ou mesmo de comentários de professores sobre o assunto, de jogos de videogame, de contato direto com a máquina, por meio de manuais e guias de profissões etc.” (BOCK, 2013, p.66)

Ao analisar as imagens no mundo do trabalho considerando o binarismo existente sobre o gênero, percebemos haver a correlação da imagem masculina associada a determinadas profissões presentes no senso comum. Por esse motivo, a teoria das representações sociais servirá como forma de análise dessas imagens considerando os papéis de gênero associados.

A entrevistada Luisa, do curso engenharia, tem como objetivo profissional seguir com a carreira acadêmica, em seus relatos sobre os papéis de gênero, ela percebeu que em estágios há a preferência de contratarem homens, e que em muitas situações vivenciou momentos em que as pessoas duvidavam dos seus conhecimentos.

Durante o ensino médio relatou que se sentiu desestimulada, chegando até a efetuar a matrícula no curso de letras, mas repensou sobre suas escolhas profissionais, e acabou decidindo pela engenharia, por ter mais interesse pela área. Como seu ensino médio foi realizado em um colégio técnico, já tinha familiaridade com os conhecimentos participando de um estágio na área de automação.

Apesar do conhecimento nessa área, relatou que sentiu muitas barreiras para prosseguir nessa escolha do curso. Novamente, é possível que tais barreiras tenham se dado por força externa da cultura que atribui uma imagem incompatível em relação à mulher dentro dessa área.

Como exposto anteriormente, a mulher é aquela cujo os anseios e desejos devem estar direcionados ao cuidado do outro, a energia que a mulher coloca na sua vida acaba sendo direcionada a todos e, por último, se ainda não for incomodar, para ela mesma. A incompatibilidade historicamente construída da mulher dentro da engenharia vem também de aspectos em que a mulher não pode ser aquela que irá construir uma grande carreira profissional e acadêmica.

> “Se, por um lado, aumentaram as tarefas, por outro, houve um apogeu da promoção da imagem da mãe. Devotamento e sacrifício fizeram “brilhar” ainda mais a maternidade. é por meio dps valores que se firmaram nessa transição que se pode compreender a configuração do dispositivo materno. Assim, se, de um lado solicitava-se às mulheres um trabalho cada vez maior de auto abnegação, por outro, construir-lhes um lugar, de certa forma, “empoderado” ainda que, é necessário destacar, um empoderamento colonizado. “(ZANELLO, 2018, p.127)

Isso se desenvolve por características históricas de exploração do dispositivo materno, ao associar a o ato de reproduzir como um aspecto inerente a identidade feminina, essa imagem coloca a mulher no lugar do ser que ama incondicionalmente, que deve sempre perdoar e estar à disposição do outro.

As consequências da força dessa representação é direcionar a mulher a ter uma postura de sacrifício de si mesma para ser reconhecida enquanto pertencente à norma de feminilidade. Uma mulher em carreiras tidas como mais racionais, envolvendo o traço de caráter mais calculista remete a uma mulher menos feminina rejeitada socialmente.

Um exemplo disso são dados que comprovam maior número de mulheres em carreiras que envolvem o cuidado ao outro, como a área de enfermagem sendo

composta por 84,6% de mulheres. Esse perfil com a predominância feminina é algo historicamente construído a partir de uma representação de quem de acordo com seu gênero é mais apto a realizar uma tarefa.

Outro ponto importante relatado pela entrevistada, foi que em muitos períodos se sentiu pressionada a desistir, ao ouvir dos outros que os estágios nessa área só contratavam homens. Para compreender o porquê da maioria das pessoas dizerem isso a ela, é preciso considerar que ao pensarmos em uma profissão necessariamente recorremos à imagem de alguém à qual ela nos remete em algum momento do passado, nesse caso, a imagem de um homem engenheiro é associada nesta profissão.

> "São nas situações inicialmente corriqueiras que as caras começam a ser formadas. Deve-se salientar que o mesmo ocorre com profissões que não serão consideradas e que, portanto, propiciam a formação de caras menos interessantes ou até negativas. Isso provavelmente ocorre quando Gabriel desiste das competições para dedicar-se mais aos estudos secundários: talvez a cara de uma profissão não-universitária tenha pesado nesta decisão. Portanto, pode-se afirmar que as caras que o indivíduo forma a respeito de quase todas as profissões resultam de contatos diretos ou secundários com pessoas, fatos e situações, incluindo a visão social que a profissão alcança no meio em que a pessoa vive." (BOCK,2002, p.150)

Além disso, os papéis de gênero formam representações que nos remetem a determinadas profissões dentro de interseccionalidades, como o caso da profissão de medicina em que é comum associar a palavra médico à imagem de um homem branco. Isso vem por um longo contexto onde o conhecimento sobre as ciências e o corpo humano era apenas de poder dos homens brancos, que detinham o domínio sobre os meios científicos e acadêmicos marcando a destituição do conhecimento a uma parte da população por ideias da supremacia branca.

Existiam estudos que validaram essa conduta de restringir o acesso por critérios racistas, classistas e misóginos, como o caso do racismo científico. São feridas históricas que perduram até os dias de hoje com a diferença de acesso e espaço que cada sujeito terá seguindo uma matriz dominante.

Além disso, a entrevistada relatou que por muitas vezes foi questionada se era realmente capaz de realizar tais atribuições da área, e muitas vezes isso era presenciado com piadas e deboches sobre sua capacidade e conhecimentos. Essas

experiências tornaram sua formação coberta de pressões em que revelou a necessidade pertinente de ter que provar e não poder errar.

Esse aspecto da mulher que não pode errar, é uma representação muito presente nas relações quando observamos a demanda cobrada para que mulheres sejam sempre condescendentes em suas relações, não cabendo o papel de limite ou recusa ao outro, aspecto que as tornaria culpadas pelo erro. Isso se relaciona com o que foi mencionado anteriormente acerca do dispositivo materno, e se desdobra para um aspecto muito mais rígido onde as pessoas lidam diferentemente com o erro das mulheres e com erros vindos de homens.

Um cenário, que ilustra a diferença de julgamento da população em relação ao gênero, são as numerosas visitas e até relacionamentos amorosos que homens presidiários têm com outras mulheres. Mas quando olhamos para os presídios femininos percebemos que a parcela de visitas é muito menor.

> “A solidão é um tema de reflexão do projeto porque as mulheres são aquelas que mais visitam, mas não são visitadas. Como as pessoas privadas de liberdade não têm acesso a papel nem caneta para escrever reclamações e muitas não sabem escrever, são as famílias que fazem as reclamações. Como as mulheres não recebem visitas, o desafio é possibilitar espaços de escuta. “(Fonte: Agência Senado, 2018)

Ao se deparar com a imagem de uma mulher presidiária, isso não se encaixa com toda representação construída de uma mulher gentil, meiga, e que não erra. A mulher presidiária torna-se excluída da sociedade incluindo muitas vezes o abandono de seus familiares pela rejeição de uma imagem que foge da norma, do estereótipo.

Quando questionada sobre os estereótipos presentes no mundo do trabalho, a entrevistada relatou que já vivenciou muitas vezes a demanda de estar voltada para tarefas com atividades consideradas delicadas e detalhistas, como, por exemplo, no seu curso de graduação vivenciar falas que diziam que ela era melhor para mexer com drones por ser mulher e ser mais sensível.

A sensibilidade como algo inerente à mulher também é um fator socialmente construído, muito interligado às necessidades que uma mãe deve possuir para cuidar de seus filhos, considerando a infância como uma etapa muito delicada da vida humana.

O próprio conceito de criança dependente é algo recente, visto que anteriormente a criança foi por muito tempo considerada um mini adulto, colocada em situações de trabalho extremo e indiferença. Nesse sentido, a infância surge como uma reivindicação desse contexto, para assegurar esse direito de segurança e cuidado.

> "O novo imperativo é, portanto, a sobrevivência das crianças. E essa nova preocupação passa agora à frente da antiga, a do adestramento daquelas que restavam após a eliminação das mais fracas. As perdas passam a interessar o Estado, que procura salvar da morte as crianças. Assim, o importante já não é tanto o segundo período da infância (depois do desmame), mas a primeira etapa da vida, que os pais se haviam habituado a negligenciar, e que era, não obstante, o momento da maior mortalidade." (BADINTER, 1980, p.145)

As mulheres passaram a assumir essa função de assegurar a vivência da infância como também a educação moral. As mães seriam a pessoa cujo a imagem é remetida ao amor incondicional, estando sempre à disposição da criança cujo os cuidados são dependentes da maternidade.

Essa representação materna direciona a características da personalidade como se fossem algo inerentes a mulheres, recaindo na norma. Como nesse caso, a sensibilidade, também presente em um ideal misógino que retira a mulher de funções que exigem um papel ativo e força.

Esses aspectos fortalecem o binarismo homem e mulher construindo uma imagem que representa a polaridade entre o mundo feminino e o masculino, composto por características totalmente ambíguas.

É fácil encontrar no senso comum muitos ditos que remetem homens a posição de força e violência enquanto mulheres ocupam funções que exigem delicadeza e sensibilidade. A própria constituição da masculinidade é baseada em repelir aspectos considerados femininos para ser reconhecido como homem. Fica claro que essas representações criam uma realidade dicotômica que pouco representa a alteridade da vida humana.

A entrevistada Carla, cursa engenharia e pretende atuar na área acadêmica. Ao ingressar no curso relatou não ter se preocupado com a diferença do número de homens e mulheres matriculados, disse ser frequente perceber essa diferença, que

já ocorreu de a turma ser composta por cerca de 40 homens enquanto tinha apenas 7 mulheres.

No decorrer da graduação notou isso com mais frequência nas aulas, e uma das características marcantes é de não se sentir à vontade nesse espaço, muitas vezes se sentiu desconfortável para socializar com os outros homens e ficava feliz quando percebia mais mulheres no curso, se sentindo representada.

Quando questionada sobre os papéis de gênero relatou que se preocupa com a jornada dupla de trabalho frequente na vida das mulheres, enquanto homens apenas trabalham, as mulheres cuidam da casa, dos filhos e também fazem turnos exaustivos de trabalho.

Isso é demarcado pela exploração do trabalho feminino, vindo através da noção que caracteriza o trabalho doméstico como um trabalho inferior, por isso ele não é considerado como uma forma de trabalho, cabendo a mulher a interposição acumulada de tarefas.

> "Essa história não apenas oferecia uma explicação teórica da gênese do trabalho doméstico em seus principais componentes estruturais (a separação entre produção e reprodução, o uso especificamente capitalista do salário para comandar o trabalho dos não assalariados e a desvalorização da posição social das mulheres com o advento do capitalismo); mas também fornecia uma genealogia dos conceitos modernos de feminilidade e masculinidade que questionava o pressuposto pós moderno da existência, na "cultura ocidental", de uma predisposição quase ontológica para enfocar o gênero a partir de oposições binárias." (FEDERICI, 2004, p.7)

Um dos pontos levantados é o desconforto em participar do centro acadêmico do curso de engenharia, que nesse caso é frequentado praticamente por homens, tornando o espaço sem representatividade de mulheres. Ela diz que o ambiente é considerado masculinizado e evita ter que ir até lá para não se sentir desconfortável, restando ficar quieta e reclusa nesses ambientes.

Quanto a divisão do trabalho doméstico ela afirma que apenas a mãe realiza todas as tarefas, sendo uma família com a presença do pai e mais 2 irmãos. Afirma, também, que considera existirem profissões com mais perfil masculino devido à existência maior de homens do que mulheres, como no caso da engenharia.

Quanto às perspectivas futuras relacionadas ao gênero, diz que muitas vezes foi colocada na posição de cuidadora de um futuro marido e de filhos, cabendo a posição estereotipada do cuidado materno.

Essa fala discorre sobre uma das imagens que direcionam a posição da mulher no matrimônio heterossexual como aquela responsável por servir o marido e filhos. Seria a imagem daquela que pode sempre ser generosa, estando em todo momento à disposição em relação às exigências do outro.

> “O matrimonio apregoado pela igreja reproduzia na inimidade certa hierarquia de poder já implícita nas relações de escravismo, “condenando esta (a mulher) a ser uma escrava domestica, cuja existência se justificasse em cuidar da casa, cozinhar, lavar a roupa, servir ao chefe da família com seu sexo” (Del Priore,2009, p.26). A mulher, vista como o pilar emocional da família, se fecha cada vez mais para si mesma, assumindo a responsabilidade das tarefas domésticas e criação dos filhos.” (ZANELLO, 2018, p. 130)

Essas falas contextualizam a representação da mulher no mundo do trabalho, que seria aquela cujo interesse deve estar em maior parte em atender a demanda dos outros relacionados às demandas do dispositivo materno. Como também, a mulher que não pode se destacar no campo profissional e acadêmico em relação aos homens, sendo constantemente silenciada e coagida a manter-se mediana.

A pressão pelo matrimônio heterossexual na vida de uma mulher é algo muito presente culturalmente, tanto pela centralidade masculina que coloca a mulher como ser dependente, como também pela própria homofobia, já que as entrevistadas são de uma área que historicamente foi associada aos homens, sendo duplamente cobradas, por preconceito, pressionadas a corresponderem a norma de feminilidade considerando o comportamento heteronormativo compulsório da sociedade.

Na área da engenharia, foi possível notar através das falas das estudantes esses papéis de gênero reproduzidos em seus círculos sociais, todas as entrevistadas disseram haver o desconforto pela falta de mulheres na graduação de engenharia, esse contexto é influenciado por questões como mencionada acima em que há a tendência em manter-se reclusa com a presença de maior número homens.

Isso parte de aspectos culturais que constroem a centralidade de um homem na vida da mulher, sendo assim, influenciada a não interpelar contra o domínio masculino em relação ao campo profissional e acadêmico.

Partindo disso, as falas das entrevistadas também corresponderam quanto a cobrança que a mulher passa em seu cotidiano, inclusive no campo profissional. Há a exigência de não errarem. Caso errem, são julgadas, com a justificativa de que não são aptas para o exercício de profissões na área de exatas, criando grande tensão e pressão sobre a realização de suas atividades.

Enquanto são afastadas dessa área, são empurradas a ocuparem profissões que correspondem ao dispositivo materno, como é visto na presença de maior número de mulheres em áreas de docência, cuidados e em sua exploração em trabalhos terceirizados.

> “Às mulheres coube, sobretudo, a educação de crianças menores (educação infantil primaria), trabalho esse considerado menos técnico e mais “afetivo”, mais afinado, portanto, com a “natureza” da mulher - daí que menos reconhecidos, e com remuneração pior. Nas palavras de Esteban (2011), “uma determinada especialização emocional levava ao menor status das mulheres” (p.46).” (ZANELLO, 2018, p.137)

Além disso, ao ocuparem esses espaços são condicionadas a atuarem de maneira dominada pelo olhar masculino, como foi exposto pela estudante Luísa, que escutou muitas vezes de homens no seu curso de graduação que ‘’era boa para mexer com ‘drone’ porque mulheres são mais sensíveis".

Outro relato importante, envolveu os familiares da entrevistada, onde a mesma disse que a mãe, mesmo sabendo que a filha faz engenharia, preferia consultar o namorado dela sobre questões envolvendo conhecimentos da logística elétrica da casa.

As três entrevistadas colocaram como perspectiva profissional para o futuro, o desejo de seguirem na área acadêmica. Essa preferência pode ser ao observar que os empregos na área de engenharia são de domínio masculino, como foi relatado por uma das entrevistadas com a insegurança de que só contratem homens independentemente das habilidades e conhecimentos em questão.

Nesse ponto, a área acadêmica abrangendo os aspectos de pesquisa e docência, acaba sendo um lugar “melhor” do que outros espaços de atuação, tanto por questões levantadas anteriormente como o papel da docência e o gênero feminino, como por uma possibilidade de terem mais respeito atuando no mercado de trabalho.

É visto que as mulheres são tidas como inferiores em profissões que por muito tempo estiveram sob o domínio masculino, como o caso da engenharia e outras profissões da área das exatas. Essas profissões, estão interligadas com a imagem racionalista, e por conta disso, pela associação feita de que mulheres são irracionais ou sentimentais demais, são desconsideradas e desqualificadas em relação a seus conhecimentos.

5. Considerações Finais

Este trabalho teve a proposta de pesquisar a influência dos papéis de gênero na vida das mulheres, em especial em suas escolhas profissionais, muitas vezes fruto da força que as representações sociais têm em nossas identidades.

A teoria das representações sociais proporcionou analisar a profundidade das relações e seus impactos no processo identitário do ser humano. Nesse processo, destaca-se o papel da interação social como ponte entre as imagens e as mulheres como grupo de indivíduos que são relacionados a ela.

De acordo com Judith Butler (2003), o conceito de sujeito não é algo fixo e imutável, mas sim poroso, atravessado continuamente durante sua vida. Nesse sentido, não podemos atrelar a noção de gênero como algo que está determinado para o sujeito, e isso inclui suas perspectivas e escolhas que estarão sendo resumidas a uma única forma de ser e estar no mundo.

Judith Butler (2003) questiona esses papéis fixos que são reproduzidos ao longo da história e que colocam as pessoas em sujeição quando percebemos representações sociais típicas, sendo normas na sociedade. Inclusive, ao analisar a teoria das representações sociais, um dos pontos que difere essa teoria das demais vem de sua ruptura com a dualidade existente entre o conhecimento tido como válido e não válido, que desqualifica o saber cultural e o senso comum e que, na verdade são inteiramente importantes quando observamos em seu fator histórico-social.

Nessa perspectiva, ao analisar a categoria de gênero percebemos a força social que constitui imagens que remetem ao binarismo homem/mulher. Essa visão acaba estando presente no cotidiano quando a humanidade se encontra com dificuldade em aceitar a alteridade, reduzindo aspectos múltiplos para meras posições finalistas.

Discorrer sobre o conceito de identidade é importante quando estamos lidando com os papéis de gênero e suas tecnologias quanto ao processo identitário das pessoas. Ao analisar as falas das estudantes foram percebidas representações que remetem a imagens presente culturalmente sobre mulher, essas imagens são reproduzidas ao longo da história de forma ideológica. Por isso a necessidade de discorrer sobre os aspectos educacionais e seu importante papel na formação político-social do sujeito.

Para compreender essas representações é preciso considerar o poder das classes dominantes sobre a forma de elaboração do conhecimento, já que estamos o tempo inteiro lidando com a repressão da criticidade humana, sendo constantemente colocados em posições opressivas e alienantes.

Reconhecer a possibilidade de viver outras formas recorrendo a novas representações é um processo de libertar-se do que foi ao longo da formação humana reprimido e excluído da sociedade. Um dos pontos principais é o de evidenciar o quanto a diversidade faz parte da cultura, isso pode ser desenvolvido através de um ensino educacional que tenha como foco a autonomia e emancipação dos sujeitos.

Por isso, torna-se fundamental reconhecer as ideologias imersas na cultura e que por conta disso são naturalizadas e silenciadas nos círculos sociais, considerando que, mesmo círculos sociais menores, carregam consigo o modelo estrutural opressivo.

> Nas menores células da organização social (o casal, a família, a vizinhança, a escola, o escritório, a fábrica etc.), bem como nos mais ínfimos acontecimentos da vida social (um acidente na esquina da rua, a verificação de documentos de identidade no metrô, uma consulta médica etc.) estão contidos todos os valores morais e políticos da sociedade, todas as suas estruturas de dominação e de poder, todos os seus mecanismos de opressão. (BOAL, 1995, p.53)

O capitalismo, portanto, se apropriou do trabalho feminino de tal forma que as cadeias produtivas são em maior número ocupadas por mulheres em ramos de terceirização com salários decrescentes.

Há várias empresas internacionais que exploram o trabalho feminino pagando quantias pequenas que não são correspondentes nem mesmo ao salário mínimo. E dentro dessa perspectiva, é possível perceber ‘nuances’ associadas à tríade de raça, gênero e classe que vão constituir uma matriz dominante em detrimento de outras categorias sociais.

Por isso é fundamental compreender a dimensão da interseccionalidade quando ela discute sobre os mecanismos da matriz de dominação/exploração da sociedade.

Fica claro o quanto as opressões sociais são causas do adoecimento psíquico de milhares de mulheres quando estas são destinadas a seguir um estereótipo que

pouco condiz com seus desejos. Muitas mulheres têm algum histórico de ansiedade que pode ter origem nas causas sociais de uma estrutura violenta.

É preciso trazer essa realidade à tona por meio da prática educativa que desmascare as crueldades ideológicas de um Estado que lucra em cima da negação e invisibilidade de outras pessoas.

É preciso pensar em condutas que são a políticas públicas, já que a saúde mental não se trata somente do viés terapêutico clínico, mas também considerar a realidade social do sujeito como seu contexto de desigualdade social que afeta o bem-estar social das mulheres enquanto trabalhadoras.

A construção de creches, por exemplo, não se trata apenas de uma instituição social cuja finalidade é atender as crianças, isso vai muito além quando pensamos em oferecer qualidade de vida para as mulheres em um país que muitas estão imersas em uma jornada de trabalho dupla pela divisão social do trabalho, que afeta o trabalho doméstico e reprodutivo.

Ao falar do direito à creche para os filhos, é também falado da saúde mental das mulheres, como forma de manter a equidade de gênero em relação ao acesso democrático, quando percebemos que com mais tempo livre homens têm a disponibilidade de realizar outras tarefas e objetivos.

Portanto, para a concretude de uma sociedade equânime como exposta na Constituição Federal, em que homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, muito tem que se avançar, começando pelas representações que partem de ideologias opressoras.

Ao analisar as entrevistas, o conteúdo dos discursos das graduandas de engenharia aponta para questões sociais que criam uma representação em torno da imagem da mulher no mundo do trabalho e consequentemente afeta seu dia a dia e seu contexto social.

As principais representações foram em torno de uma mulher frágil e inferior, contidas em discursos preconceituosos como a fala de homens que direcionam para a realização de tarefas que envolvem sensibilidade.

Além disso, foi observada a tendência em perceber a maternidade como algo destino, o que pode estar conectado com a realidade socioeconômica das entrevistadas, na maioria moradores de cidades periféricas, tendo em vista que no contexto de mulheres com maior poder aquisitivo a maternidade é vista como opção.

Uma das entrevistadas, trouxe com sua fala a presença da pressão em seguir com a função materna, em detrimento de outros projetos profissionais. É importante questionar de onde surge essa urgência em colocar a mulher como mãe, obrigatoriamente.

Para mulheres pertencentes de camadas mais pobres, a maternidade recai como uma das obrigatoriedades de sua vida, direcionadas a esse papel mais cedo, renunciando a outros objetivos. Quando falamos de maternidade consideramos o lugar de cuidado como todo, incluindo os aspectos que envolvem o casamento heterossexual, onde a mulher deve estar à disposição do marido.

Portanto, é preciso transformar aspectos sociais, que, na verdade, imobilizam o ser humano quando pensamos em sua diversidade, sendo que este fator está totalmente ligado à liberdade individual, que deveria ser garantida para todos.

As normas são amparadas em representações sociais criadas por intenções religiosos econômicas e políticas do Estado, e consequentemente afetam o processo identitário dos sujeitos, colocando homens e mulheres em posições ideológicas.

Uma das formas de buscar a transformação desses discursos vem através de uma educação emancipadora, pois ao analisar o papel central de um discurso ideológico percebemos que este tem em sua finalidade ser excludente em relação à sociedade, e para transformar este quadro é preciso pensar em uma educação inclusiva, que não desconsidere aspectos multiculturais e preserve a alteridade como um valor da humanidade.

PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS

Na minha jornada de formação, busquei em todo momento um sentido que fizesse parte da minha atuação como educadora. Acredito que como profissional que lida diretamente com os aspectos formativos do ser humano, é importante que se tenha um propósito que movimenta as práticas pedagógicas.

A partir das minhas conclusões, percebo que não há como pensar em educação sem considerar a liberdade como eixo norteador para os professores. Nesse pensamento, destaca-se a leitura crítica de Freire que tive desde o primeiro contato com o curso de pedagogia.

Essa perspectiva me ajudou a lidar com inúmeros fatores que fazem parte da minha história e acredito ser fundamental para o entendimento da educação. Por isso, a devida importância de um sentido motriz na ação pedagógica, porque educação é antes de tudo um conceito que envolve política, moral e o desenvolvimento social.

Com essas impressões, procuro como profissional proporcionar aos estudantes contato com uma educação libertadora que incentive a autonomia como valor e princípio. A partir disso, transformar a sala de aula em um lugar com acolhimento para a diversidade e para as vivências de cada estudante.

Muito da escolha sobre a profissão de pedagoga passa por um ideal colonizado pelos papéis de gênero, como o aspecto de cuidado que pode estar presente na prática pedagógica, acredito que me aprofundar nas questões acerca de gênero me trouxe a possibilidade de exercer a profissão fora dos discursos pré-existentes que delimitam a prática pedagógica.

Na minha formação, tive a oportunidade de realizar estágios, e nessa experiência, passei por diversas áreas de atuação, até concluir que tenho mais interesse e afinidade pela docência no ensino fundamental I. O estágio foi realizado no 1° e 2° ano do ensino fundamental I, onde houve um grande aproveitamento desse espaço com o exercício dos conhecimentos teóricos construídos.

Outro ponto fundamental, é o de estar continuamente aprendendo dentro da minha profissão, buscando aprimorar e compreender a ciência da educação com toda sua força e conhecimento. O professor deve manter uma formação continuada para estar à frente de questões sociais e políticas, pois são extremamente necessárias para a educação, vista na perspectiva de transformação social.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Para Educar Crianças Feministas**: Um Manifesto. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

ALMEIDA, T. M. C. D. et al. **A passos largos:** meninas da periferia rumo à universidade e seus dilemas psicossociais. Revista Sociedade e Estado, Brasília, v. 35, 2020.

ARRUDA, Angela. **Teoria das Representações Sociais e Teorias de Gênero**. Cadernos de Pesquisa, n. 117, Universidade Federal do Rio de Janeiro, ano 2002.

BADINTER, Elisabeth. **Um Amor Conquistado**: o Mito do Amor Materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo.** 70. ed. São Paulo: Persona, 1977.

BOAL, Augusto. **Arco-íris do Desejo:** Método Boal de Teatro e Terapia. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira SA, 1992.

BOCK, Silvio Duarte. **Orientação Profissional :** A abordagem sócio-histórica. 1 ed. São Paulo: Cortez, 2013.

BOTTOMORE, T. **Dicionário do pensamento marxista.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero:** Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CHAUÍ, Marilena. **O que é Ideologia**. 1 ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

CRAMER, Luciana; PAULA NETO, Alcielis de; SILVA, Áurea Lucia. **A Inserção do Feminino no Universo Masculino**: Representações da Educação Superior. o&s , UFLA, v. 9, n. 24, 2002.

CRENSHAW, Kimberle. **Documento para o Encontro de Especialistas em Aspectos da Discriminação Racial Relativos ao Gênero**. Trad. Liane Schneider. Rev. Luiza Bairros e Claudia de Lima Costa. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 10, n. 1, p. 171-188, jan. 2002.

CYRINO, Rafaela. **Trabalho, Temporalidade e Representações Sociais de Gênero:** uma análise da articulação entre uma análise da articulação entre trabalho doméstico e assalariado. Sociologias, Porto Alegre, ano 2009, n. 21, p. 66-92.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A, 1967.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** Saberes Necessários à prática Educativa. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Professora, Sim; Tia, Não:** Cartas a quem ousa ensinar. 24. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

HIRATA, Helena. **Nova divisão sexual do trabalho:** um olhar voltado para a empresa e a sociedade. São Paulo: Editora Boitempo, 2002, 335p.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação**: Episódios de Racismo Cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LOURO, G. L. **Currículo, gênero e sexualidade** – O “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. In: LOURO, G. L.; FELIPE, J; GOELLNER, S. V. (Org.). Corpo, gênero e sexualidade –um debate contemporâneo na educação. 8.ed. Petrópolis: Vozes, 2012. p.41-52.

MARX, K; **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. São Paulo: Editora Martin Claret, 1964.

MORAES, Eunice Léa de. **A Interseccionalidade e as Relações de Gênero e Étnico-raciais na Educação.** Seminário Internacional Gêneros e

Interdisciplinaridades “A práxis da interseccionalidade na contemporaneidade”, Brasília, 2020.

NOVAES, Regina. **Os jovens de hoje:** contextos, diferenças e trajetórias. In: ALMEIDA, Maria Isabel Mendes; EUGENIO, Fernanda (orgs.). Culturas jovens: novos mapas do afeto. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006. p.105 – 120.

OLIVEIRA, Márcio S. B. S. de. **Representações sociais e sociedades:** a contribuição de Serge Moscovici. Revista Brasileira de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, vol. 19, ano 2003, n. 55,

OLIVEIRA, Maria Beatriz Loureiro de; ANJOS, Ricardo Eleutério dos. **Contribuições da Psicologia Histórico Cultural à Orientação Profissional de Adolescentes:** A escolha profissional em questão. Avesso do Avesso, São Paulo, vol. 9, ano 2011, p. 20-34.

ROCHA, Luis Fernando. **Teoria das Representações Sociais:** a Ruptura de Paradigmas das Correntes Clássicas das Teorias Psicológicas. Universidade Paulista: Psicologia: Ciência e Profissão, 2014.

SCHUH, Thalia Jaqueline; SILVA, Michel Goulart da. **Marx, Engels e a Divisão Sexual do Trabalho.** MICTI, Instituto Federal Catarinense, ano 2015,

SENADO, Assessoria de Imprensa da Procuradoria da Mulher do Senado. **Palestrantes apontam dificuldades enfrentadas por mulheres encarceradas.** Redação, DF: Fonte: Agência Senado, 29 nov. 2018.

SOUSA, Luana Passos de; GUEDES, Dyego Rocha. **A desigual divisão sexual do trabalho:** um olhar sobre a última década. Estudos Avançados, [s. l.], 2016.

VERIGUINE, Nadia Rocha; BASSO, Cláudia; SOARES, Dulce Helena Penna. **Juventude e Perspectivas de Futuro:** A Orientação Profissional no Programa Primeiro Emprego. Psicologia, Ciência e Profissão, Universidade Federal de Santa Catarina, ano 2014, p. 1032-1044.

VIGOTSKY, Lev Semenovich (1896-1934). **A Formação Social da Mente:** o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 6 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. p.191.

ZANELLO, Valeska. **Saúde mental, Gênero e Dispositivos:** culturas e processos de subjetivação. Curitiba: Appris, 2018.

ANEXOS

ANEXO I - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Olá!
Você está sendo convidada para participar como voluntária de uma entrevista, que é parte fundamental para construção da pesquisa de trabalho de conclusão de curso, com o título: " EDUCAÇÃO, TRABALHO E GÊNERO: UM ESTUDO PELAS VOZES DAS ALUNAS EXTENSIONISTAS DO PROJETO MENINAS VELOZES". O objetivo da entrevista é investigar as representações que influenciam as escolhas profissionais das estudantes participantes do projeto.

Para ter uma cópia deste termo você deverá imprimi-lo, ou deverá gerar uma cópia em PDF para guarda-lo em seu computador. A entrevista será realizada de forma online pela plataforma Google Meet, sendo constituída por um roteiro semi-estruturado. Estima-se que você precisará de aproximadamente 30 minutos. Suas respostas são determinantes para a qualidade da pesquisa.

Estão garantidos o sigilo e a confidencialidade de todas as informações fornecidas por você para este estudo. Da mesma forma, o tratamento dos dados coletados seguirá as determinações da Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD – Lei 13.709/18).

*Obrigatório

1. E-mail *

2. Nome completo: *

3. Telefone para contato:

4. Concordo em participar voluntariamente do presente estudo como entrevistada. Declaro que fui esclarecida sobre o conteúdo e propósito do estudo, e procedimentos que serão utilizados; sobre a garantia de eventuais esclarecimentos ao longo do estudo, inclusive sobre os possíveis riscos e benefícios envolvidos na minha participação, tendo liberdade de me recusar a participar ou retirar meu consentimento em qualquer fase do estudo. *

Marcar apenas uma oval.

- ◯ Concordo
- ◯ Não Concordo

Qualificação e declaração da pesquisadora

Nome da pesquisadora: Pamella Evelyn Castanheiro de Souza
Contato: telefone: (61) 994225131; email: pamellaecs10@gmail.com
Aluna do curso de pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília - UnB
Nome da orientadora: Profa. Dra. Caetana Juracy Rezende Silva

Declaro, para fins de realização do estudo ter elaborado este termo cumprindo todas as exigências elecandas anteriormente, e que obtive de forma voluntária e apropriada o consentimento livre e esclarecido da participante.

Brasília, DF.
2022

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google.

Google Formulários

ANEXO II - ROTEIRO DAS ENTREVISTAS SEMI-ESTRUTURADAS

Parte 1 - Dados Preliminares

Nome

Idade

Cidade onde reside

Curso de Graduação

Escola Pública ( )

Escola Particular ( )

Parte 2 - Perguntas para as alunas do curso de engenharia, extensionistas do Projeto Meninas Velozes

1) Fale sobre como foi o processo de escolha do curso de graduação e como se sentiu ao ingressar no curso de engenharia.

2) Fale como você percebe as mulheres no mundo do trabalho, você acha que existem profissionais com perfil masculino ou feminino, os estereótipos que você enxerga na sua futura profissão.

3) Fale sobre sua vivência familiar em relação aos papéis de gênero, sobre como ocorre a divisão do trabalho doméstico na sua família, preconceitos e estereótipos foram experienciados.